



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CAMPUS ARAPIRACA
LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

THOMAZ SANTOS LIMA

**LITERATURA DE CORDEL: UMA ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA
NO ÂMBITO ESCOLAR E SUA INCLUSÃO COMO MATERIAL DIDÁTICO**

**ARAPIRACA
2019**

Thomaz Santos Lima

Literatura de cordel: uma abordagem da variação linguística no âmbito escolar e sua inclusão como material didático

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Língua Portuguesa e Literatura da Universidade Federal de Alagoas – Campus de Arapiraca, como requisito parcial para obtenção de grau de Graduado em Letras – Língua Portuguesa.

Orientadora Prof.^a Dr.^a Eliane Vitorino de Moura Oliveira

Arapiraca
2019

Thomaz Santos Lima

Literatura de cordel: uma abordagem da variação linguística no âmbito escolar e sua inclusão como material didático

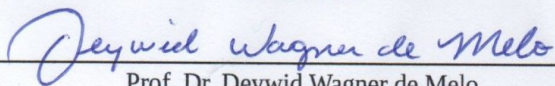
Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Curso de Letras: Língua
Portuguesa da Universidade Federal de
Alagoas – UFAL, *Campus* de Arapiraca,
como requisito parcial para obtenção do
grau de graduado em Letras.

Data da aprovação: 21 / 03 / 2019

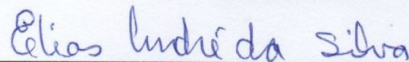
Banca Examinadora



Profa. Dra. Eliane Vitorino de Moura Oliveira
Universidade Federal de Alagoas - UFAL
Campus Arapiraca
Orientadora



Prof. Dr. Deywid Wagner de Melo
Universidade Federal de Alagoas - UFAL
Campus Arapiraca
Examinador



Prof. Dr. Elias André da Silva
Universidade Federal de Alagoas - UFAL
Campus Arapiraca
Examinador

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por sempre me iluminar e conceder a sabedoria que todo homem precisa para construir uma estrada de sucesso na vida acadêmica, profissional e pessoal. O apoio da minha família que sempre me motivou para não desistir devido às longas e cansativas viagens, mas Deus tem o plano já preparado para a vida de cada um e ninguém pode intervir.

Agradeço a minha orientadora, Prof. Dr.^a Eliane Oliveira, que proporcionou momentos únicos na Universidade e que, ao longo desta monografia, desempenhou as orientações necessárias de forma impecável.

Não poderia deixar de mencionar os meus professores, os quais fizeram parte da minha formação como profissional em Letras, e também os colegas de curso, com os quais construí laços de amizades.

Em destaque, os meus amigos de curso: Wesley Francis, Kyra Lopes e Leilane Clarindo que sempre estiveram comigo nos momentos acadêmicos.

“A vida não me chegava pelos jornais nem pelos
livros,
Vinha da boca do povo na língua errada do povo.
Língua certa do povo. Porque ele é que fala gostoso
o português do Brasil.”

Manuel Bandeira

RESUMO

A Literatura de Cordel é um tema que precisa ser tratado com mais frequência no âmbito acadêmico, devido à importância que esse gênero textual tem no convívio social, não apenas como obra literária, mas também como um instrumento para abordar adequadamente a variação linguística. Oportunizar maior aproximação dos alunos com esse gênero textual visa colaborar para o fortalecimento e a expressividade do cordel no âmbito escolar e social, ressaltando o valor cultural brasileiro e, conseqüentemente, sua importância para o povo nordestino. Nesta pesquisa, é apresentada uma abordagem teórica da variação linguística e sua aproximação com o gênero textual cordel em duas escolas do município de Penedo-AL, sendo uma escola da zona rural e outra da zona urbana. O objetivo é analisar o gênero textual cordel e buscar identificar o uso da língua falada e escrita do povo nordestino, com vistas a minimizar o preconceito linguístico, além de propor o uso desse gênero textual como um material didático. Para atingir os objetivos, utilizando metodologia de cunho qualitativo, apresentamos um breve histórico do gênero textual cordel no Brasil; apontamos questões relacionadas ao preconceito linguístico seja no âmbito social ou escolar e averiguamos os traços morfossintáticos e lexicais pertinentes ao gênero textual cordel, para, assim, propormos um novo olhar para o cordel como material didático numa relação de ensino/aprendizagem por meio de Sequências Didáticas. A base teórica utilizada sobre literatura de cordel, variação linguística, gênero textual e sequências didáticas funda-se em autores como Maxado (1980), Tavares (2005), Marcuschi (2002), Bakhtin (2000), Labov (2008), Faraco (2008), Bortoni-Ricardo (2004), Castilho (2002), Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), dentre outros que contribuíram para a realização das análises nos textos dos cordéis como também nos textos autênticos dos alunos ao longo da aplicação da Sequência Didática.

Palavras-Chave: Literatura de cordel. Preconceito linguístico. Variação linguística. Sequência didática. Material didático.

ABSTRACT

The String Literature is a subject that needs to be treated more frequently in the academic field, due to its importance in social life as literature and as an important instrument for talking about linguistic variation. To promote the approximation between students and the string literature, as a text genre, aim to collaborate to its strengthening in the daily life and in the school, adding value to the Brazilian regional culture and, consequently to its importance to the Northeasters. In this research, is presented a theoretical approach of the linguistic variation and its approximation with the string literature in a rural school and in an urban school, both in Penedo-AL. The objective is to analyze the string literature as a genre and to identify the spoken and written language of the Northeastern people for to aim to minimize linguistic prejudice, besides to propose the use of this textual genre as didactic material. The qualitative-quantitative methodology was used to achieve the goals of the analysis, in which is presented a brief history of the string literature in Brazil; questions related to linguistic prejudice either in the social or school context point out; and the morphosyntactic and lexical traits pertinent to the textual genre are shown and from this to propose a new view at the genre as didactic material by using Didactic Sequences. The research is based on authors such as Maxado (1980), Tavares (2005), Marcuschi (2002), Bakhtin (2000), Labov (2008), Bortoni-Ricardo (2005), Castilho (2002), Dolz, Noverraz and Schneuwly (2004) among others.

Words-key: The string literature. Linguistic prejudice. Didactic sequence. Didactic material.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Currículo de Urbanização.....	30
Figura 2 - Aplicando os cordéis analisados no contínuo de urbanização.....	33
Figura 3 - Distância entre as escolas (Urbana) x (Rural).....	35
Figura 4 - Esquema da Sequência Didática.....	48
Figura 5 - Alunos da escola da Zona Rural participando da apresentação da situação referente à aplicação da SD.....	50
Figura 6 - Alunos da escola da Zona Urbana participando da apresentação da situação referente à aplicação da SD.....	50
Figura 7 - Alunos das turmas do 8º e 9º Ano do Ensino Fundamental II da escola da Zona Rural - Módulo I.....	57
Figura 8 - Alunos das turmas do 8º e 9º Ano do Ensino Fundamental II da escola da Zona Urbana - Módulo I.....	57
Figura 9 - Alunos das turmas do 8º e 9º Ano do Ensino Fundamental II das escolas da zona urbana e rural, realizando adaptações de textos didáticos em gênero textual cordel.....	59
Figura 10 - Apresentação das obras literárias adaptadas em cordel – Auto da Compadecida e Chapeuzinho Vermelho.....	63

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Variedade popular nordestina X variedade padrão do PB no gênero textual cordel.....	36
Quadro 2 - Principais características do PB culto e do PB popular.....	41
Quadro 3 - Produções Iniciais / Escola Zona Rural - Sequência Didática.....	51
Quadro 4 - Produções Iniciais / Escola Zona Urbana - Sequência Didática.....	54
Quadro 5 - Analisando os traços da variedade popular nordestina.....	56
Quadro 6 - Produções Finais das Escolas da Zona Rural e Urbana.....	60

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
2 LITERATURA DE CORDEL.....	15
2.1 Contexto Histórico do Gênero Textual Cordel.....	15
2.2 A Influência do Meio Social para a Consolidação do Cordel no Nordeste.....	17
2.3 A Relevância do Gênero Textual Cordel no Âmbito Escolar e Cultural no Nordeste.....	21
2.4 O Uso da Literatura de Cordel como Gênero Textual no Âmbito Escolar	25
2.5 O Papel da Sociolinguística Educacional.....	27
2.6 Oralidade Versus Escrita no Gênero Textual Cordel.....	28
3 O CORDEL EM PENEDO: ANÁLISE	34
3.1 Procedimentos Metodológicos.....	34
3.2 O Campo de Pesquisa.....	35
3.3 Análise de Traços Lexicais e Morfossintáticos da Variedade Nordestina.....	36
3.4 Há Preconceito Linguístico em Relação ao Gênero Textual Cordel?.....	40
3.5 O Preconceito Linguístico como Reflexo das Práticas Sociointeracionais	41
3.6 Variedade Linguística Rural (Escolar) X Urbana (Escolar) no Município de Penedo/AL e a Relação Estreita com o Cordel.....	44
4 O GÊNERO TEXTUAL CORDEL EM SALA DE AULA	46
4.1 A Sequência Didática como Proposta para Trabalhar o Gênero Textual Cordel.....	46
4.2 A Efetivação do Trabalho nas Escolas de Penedo.....	49
4.2.1 Apresentação da situação (AS).....	49
4.2.2 Produção inicial.....	50
4.2.3 Aplicação dos módulos I, II e III.....	55
4.2.4 Produção final.....	60
4.2.5 Discussão: a inserção do gênero textual cordel em sala de aula.....	61
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS.....	67
APÊNDICE A - Solicitação de Autorização para Pesquisa na Escola da Zona Urbana.....	70
APÊNDICE B - Solicitação de Autorização para Pesquisa na Escola da Zona Rural.....	71

ANEXO A – Cordel Utilizado na Sequência Didática.....	72
ANEXO B – Cordel para Intervenção após a Sequência Didática	74

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Literatura de cordel é um tema que deve ser tratado com mais frequência, principalmente, quando estiver relacionado ao seu uso em sala de aula, isso porque traz em sua composição uma variedade linguística muito importante no Brasil: a fala do nordestino em forma de escrita nos cordéis. A familiarização dos alunos com esse gênero textual em sala de aula poderá proporcionar aceitação maior e natural até mesmo no meio social.

Sabendo isso, entendemos como necessário empreender uma pesquisa que respondesse a algumas questões que nos inquietavam: será possível utilizar a Literatura de Cordel como gênero portador de textos autênticos da variedade nordestina? De que maneira esses textos representam a variedade nordestina? Há apenas cordéis representativos da variedade popular/rural nordestina, ou há cordéis representativos da variedade culta/urbana? Qual a melhor maneira de apresentar esse gênero em sala de aula? O trabalho pode ser eficiente para auxiliar na erradicação do preconceito linguístico? Sendo assim, a pesquisa analisa a presença da variação linguística na literatura de cordel e a forma como esse gênero textual é visto em sala de aula, o qual apresenta uma relação estreita entre a língua falada e a escrita da região nordeste. Com isso, podemos perceber que o Português falado na região ganha representatividade no gênero cordel.

A pesquisa é de cunho quali-quantitativo, como explicamos melhor no detalhamento dos procedimentos metodológicos e, além de analisar fatores ligados à literatura de cordel, como a variedade linguística nela expressa, objetiva entender o porquê de esse gênero textual, muitas vezes, não ser trabalhado em sala de aula.

Além disso, a partir do levantamento dos traços graduais e descontínuos de alunos de uma escola particular e uma pública da cidade de Penedo-AL e de posicionar os falantes desses ambientes pedagógicos no contínuo de urbanização proposto por Bortoni-Ricardo (2004), visa apresentar o cordel como importante material didático para o trabalho de valorização da identidade linguística e cultural dos nordestinos, usando, para isso, a metodologia proposta por Dolz, Schneuwly, Noverras (2004), ou seja, o trabalho com a sequência didática.

Observamos, também, questões atreladas ao preconceito linguístico ao qual se submete esse gênero textual, visando contribuir para a comunidade acadêmica no sentido de averiguar até que ponto o gênero textual cordel é vítima de estigmatização social diante das possíveis constatações, promover discussão sobre a temática, tendo como plano de fundo a

variação existente na literatura de cordel. Desse modo, é também objetivo do trabalho propor um novo olhar para o gênero, pensando em contribuir para sua inserção como um material didático em sala de aula.

O embasamento desta pesquisa assenta-se em teóricos que se detêm nos conceitos de gêneros textuais, variação linguística e ensino, preconceito linguístico e sequência didática, sendo estes os principais autores: Marcuschi (2002), Tavares (2005), Bortoni-Ricardo (2004), Castilho (2002), Bagno (1999) e Dolz e Schneuwly, Noverraz (2004).

O trabalho é composto por três seções. A primeira apresenta informações restritas ao gênero textual cordel, por exemplo, a origem do cordel e por que recebe esse nome; a influência que recebe do povo nordestino, como também sua consolidação cultural no meio social e escolar, trazendo possíveis maneiras de se trabalhar o gênero textual cordel em sala de aula.

Já na segunda seção, apresentamos uma visão sociolinguística no que diz respeito às variedades padrão e popular do Português Brasileiro, com a presença da oralidade dos nordestinos no gênero textual cordel, causando assim uma relação estreita entre oralidade e escrita. O gênero textual cordel diferencia-se dos demais gêneros trabalhados em sala de aula, pois os professores, e até mesmos os alunos, rejeitam-no principalmente pela variedade linguística nele inserida informação por meio das próprias experiências do autor da pesquisa enquanto exerce a função de professor de Língua Portuguesa. Nesse sentido, a necessidade de analisar alguns fatores, como o preconceito linguístico que tal gênero textual sofre, é primordial.

Para trabalhar essa questão, partimos da observação de dois contextos: âmbito escolar urbano e âmbito escolar rural, ambos no município de Penedo-AL. Esses ambientes pedagógicos apresentam variedades linguísticas distintas e que podem ser trabalhadas por meio do gênero textual cordel em sala de aula, isso por apresentar também uma variedade linguística próxima da realidade dos alunos. Essa aproximação serve para os alunos conscientizarem-se de que é possível ser proficiente na própria língua, sabendo validar as variedades linguísticas, porém compreendendo o uso adequado de cada variedade no meio social e escolar.

Na última seção, o gênero textual cordel é apresentado como um material didático, por intermédio da sequência didática, ou seja, pelo “conjunto de atividades pedagógicas organizadas, de maneira sistemática, com base em um gênero textual” (DOLZ e SCHNEWLY, 2004, p. 180-181), bem como é colocada em prática essa proposta.

Deste modo, a realização da pesquisa apresenta um novo olhar em relação à literatura de cordel, no que se refere aos fatores ligados à variação linguística como também ao tratamento do preconceito linguístico. Além disso, a importância dessa discussão se dá pelo uso do cordel como material didático, uma vez que, ao se trabalhar com esse gênero, é possível ampliar a consciência de que, em sala de aula, esse tipo de literatura quase não é utilizada como material didático, mesmo sendo um instrumento dos mais eficazes para tratar adequadamente a variação linguística constitutiva de toda língua. Assim sendo, estabelecemos um posicionamento crítico a fim de também redirecionar a visão dos professores e dos alunos, para que haja aceitação do cordel como representatividade e como marca do falar nordestino numa relação do rural com o urbano.

Para iniciar, apresentamos as características do gênero textual cordel e sua relação intrínseca com a cultura nordestina, no tópico a seguir.

2 LITERATURA DE CORDEL

A literatura de cordel é considerada uma das maiores representações da Cultura Popular Brasileira de forma espontânea e singular. Como estamos falando de cultura popular, automaticamente, ligamos essa representação às classes sociais menos favorecidas, pois no cordel é possível observar uma variedade linguística que se aproxima dessa classe social. Dessa maneira, o cordel é visto como um material de pouco prestígio pelas classes elitizadas.

A concatenação entre literatura de cordel e a cultura popular brasileira se torna possível através dos sujeitos na relação dos folhetos com o meio em que transitam. Vale ressaltar que, na grande maioria, os autores não possuem o ensino regular completo, mas produzem seus cordéis de forma espontânea. No cordel, encontramos o cotidiano do nordestino, além de festejos, problemas sociais e políticos, entre outros temas presentes no meio social.

2.1 Contexto Histórico do Gênero Textual Cordel

Os primeiros vestígios do que poderíamos chamar de cultura popular literária no Brasil se dão com a chegada dos “Contos Populares de Portugal”, do escritor Gonçalo Fernandes Troncoso, com publicação datada em 1569. Além dos contos, outros gêneros textuais que contribuíram para o surgimento do cordel no Brasil também vieram com os portugueses como, por exemplo, lendas, versos, quadras, trovas, poemas, sonetos, entre outros (MAXADO, 1980). O cordel, ao contrário daquilo que pensa o senso comum, não é um gênero primordialmente brasileiro, já que veio para o território brasileiro através dos portugueses por volta de 1750-1800.

O autor Gonçalo da Silva resume bem a formação da literatura de cordel no Brasil:

A literatura de cordel chegou no balaio de nossos colonizadores, instalando-se na Bahia e mais precisamente em Salvador. Dali se irradiou para os demais estados do nordeste (...) Por volta de 1750 é que apareceram os primeiros vates da literatura de cordel oral. Engatinhando e sem nome, depois de relativo longo período, recebeu o batismo de poesia popular. Foram esses bardos do improviso os precursores dos poetas da literatura de cordel escrita. Os registros são muito vagos, sem consistência confiável de repentistas ou violeiros antes de Manoel Riachão ou Mergulhão, mas Leandro Gomes de Barros teria escrito a peleja de Manoel Riachão com o Diabo em fins do século XIX, ou, quando muito, no limiar do século XX. (SILVA, 2005, p. 19)

Antes mesmo de introduzir a história do cordel no Brasil, faz-se necessário que conheçamos a sua origem. Sendo assim, os primeiros sinais da origem do cordel se deram no século XVII, quando em Portugal vivia-se o trovadorismo, ou seja, “os poetas deviam ser

capazes de compor, achar os versos e som (melodia), isto é, a sua canção, cantiga ou cantar, e o poema assim denominava por implicar o canto e o acompanhamento musical” (MOISÉS, 2008, p. 24).

O cordel, além de possuir características do trovadorismo, por ter neste uma das suas origens, possuindo outro aspecto: o romanceiro que fez das poesias cantadas, versos escritos, assim aprimorando mais, à frente, a estrutura do cordel. No Brasil, os cordéis passaram a ter enredos diferentes, sendo compostos de versos com a presença da cultura popular nordestina.

Tudo isso, evidentemente, e como seria natural, se trasladou, com o colono português, para o Brasil; nas naus colonizadoras, com os lavradores, os artífices, a gente do povo, veio naturalmente esta tradição de romanceiro, que se fixaria no Nordeste como literatura de cordel. (DIÉGUES JÚNIOR, 2012, p. 24).

Chamamos de “Romanceiro Ibérico” o conjunto de poemas de Portugal e da Espanha, países que, apesar de terem línguas diferentes, têm uma história interligada (TAVARES, 2005, p. 75). No romanceiro ibérico, predominava uma estrutura similar com a que está presente no cordel, constituída de estrofes formadas por quartetos ou sextilhas, ou seja, estrofes formadas com quatro ou seis versos, além dos versos rimados.

Sobre isso, Tavares (2005, p. 99) relata que “o Romanceiro Popular do Nordeste é uma literatura oral que foi transplantada para o mundo da literatura escrita. A cultura oral e a cultura escrita não são o contrário uma da outra, nem são adversárias: são parceiras, que se ajudam e se complementam”.

Assim, o romanceiro popular do Nordeste encontra-se presente nos folhetos dos cordéis, nos quais é possível observar a relação da “cultura oral x cultura escrita” do nordestino.

O Cordel trata-se de uma poesia popular, geralmente impresso em forma de folheto e com imagens do tipo xilogravura¹, gravuras feitas em madeira que é uma técnica utilizada pelos cordelistas para produzir as imagens nas obras, funciona como um carimbo, na impressão das gravuras nos folhetos.

No século XVIII, sabe-se que, entre os colonizadores, estavam pessoas elitizadas, como também aqueles menos favorecidos, os quais vinham principalmente para o trabalho de mão de obra. Diante desse contexto social, a maneira e o objetivo como o cordel circulava em território Ibérico passou a ser usado no Brasil também, sendo vendido em feiras livres, com

¹ Xilon significa madeira; grafo, gravar ou escrever. Assim, xilogravura é uma gravura feita com uma matriz de madeira” (Museu Casa da Xilogravura, acesso em 05 de Fev de 2019)

sua estética bem distante de livros procurados pela sociedade elitizada, pois o gênero textual cordel tinha a intenção de representar o cotidiano que transitava da forma oral para a escrita, sem deixar, no entanto, de trazer a oralidade daquela sociedade menos favorecida presente em suas estrofes rimadas.

Por ser situado na faixa litorânea do Brasil, o Nordeste² foi o ponto de chegada dos portugueses o que aumentou com o passar dos anos, e fez dessa região um centro de concentração de pessoas por meio do plantio e exportação da cana-de-açúcar, que fez do Nordeste um grande centro de comercialização e ao mesmo tempo difusões culturais entre portugueses, índios e africanos. Desta forma, podemos explicar o porquê de o cordel ser tão representativo no Nordeste, através da inserção cultural que os portugueses realizaram.

Mas, de fato, o que é literatura de cordel? “Seria ela um traço do nordestino que desceu para o Sul do país, com os paus-de-arara, estendendo sua influência cultural?” (MAXADO, 1980, p. 11).

Da mesma forma como chegou ao Brasil por meio dos portugueses no litoral do Nordeste, o cordel se expandiu na bagagem cultural do nordestino que migrava para os grandes centros urbanos em busca de uma vida melhor. Vale salientar que não teve a amplitude que outros aspectos culturais nordestinos tiveram, como aconteceu com a culinária, com as danças folclóricas e os grandes festejos tradicionais, a exemplo da tradicional Festa de São João.

O cordel, mesmo não tendo a expansão territorial que vimos acontecer com outros as manifestações culturais, precisaria ser consolidado no próprio Nordeste. Vemos isso na seção a seguir.

2.2 A Influência do Meio Social para a Consolidação do Cordel no Nordeste

Desde o tempo da Corte, folhetos eram vendidos nas ruas de Portugal. Os portugueses trouxeram-no para o Brasil, com produção ainda lusitana. Ao chegarem em terras nordestinas, seu nome passou a ser conhecido como “cordel”, devido a forma como eram

2 “A verdade é que foi no extremo Nordeste – por extremo Nordeste deve entender-se o trecho da região agrária do Norte que vai de Sergipe ao Ceará – e no Recôncavo Baiano - nas suas melhores terras de barro e de húmus – que primeiro se fixaram e tomaram fisionomia brasileira os traços, os valores, as tradições portuguesas que junto com as africanas e as indígenas constituiriam aquele Brasil profundo, que hoje se sente ser os mais brasileiros”. FREYRE, G. Nordeste. 7ª Ed. Global Editora. São Paulo. 2004. p. 50.

expostos, sendo, a partir da expansão cultural oportunizada com a vinda da família real para o Rio de Janeiro, impressos no Brasil.

Por aqui, o gênero textual passou a ter o nordestino como personagem principal nas histórias rimadas, em meados de 1870, por meio do então patrono da Literatura de Cordel no Brasil, Leandro Gomes de Barros³, que viveu na Paraíba e depois seguiu para a cidade de Recife-PE. Leandro Gomes era mais um nordestino a escrever sua vivência em folhetos e começar a vendê-los, nos quais contava histórias sobre seca, fome, política, festas, religião, entre outros temas (MAXADO, 1980).

Sendo assim, como relata Maxado (1980), o cordel passou a ter representações culturais do nordestino, sendo os folhetos vendidos numa mesma estrutura com imagens que ilustram as histórias, as quais partem do mecanismo da xilogravura, sendo sempre expostos de maneira simples, por meio de barbantes e/ou cordas, lembrando o nome dado ao cordel.

Um aspecto bastante visível no cordel é a simplicidade pela escolha lexical no momento da produção da poesia, o que, além de manter a estrutura do gênero textual, promove a aproximação com os leitores, uma vez que os folhetos são vendidos em feiras livres ou mercados de artesanatos por um valor bem baixo, se comparado com os livros de poesias tradicionais (MAXADO, 1980).

A oralidade acaba exercendo grande influência na parte escrita do cordel, pois alguns dos cordelistas não possuem o ensino regular. Entretanto, seu conhecimento é tão amplo em relação aos fatos do dia a dia, como suas rotinas, que, ao passar para os folhetos essas histórias, acabam viabilizando a aproximação da língua falada com a língua escrita, assim apresentando a variedade linguística do sertanejo ou do nordestino residente de zonas rurais.

Para saber até que ponto o social influenciou no cordel, basta ver em várias obras a presença daquele nordestino que está enfrentando a seca no sertão, passando fome, sem água, e que se caracteriza como um sujeito sem ensino regular, com uma variedade linguística

3 Leandro Gomes de Barros, 1868-1918. Nasceu e morreu na Paraíba, viajando pelo Nordeste. Viveu exclusivamente de escrever versos populares inventando desafios entre cantadores, arquitetando romances, narrando as aventuras de Antônio Silvino, comentando fatos, fazendo sátiras. Fecundo e sempre novo, original e espirituoso, é o responsável por 80% da glória dos cantadores atuais. Publicou cerca de mil folhetos, tirando deles dez mil edições. Esse inesgotável manancial correu ininterrupto enquanto Leandro viveu. É ainda o mais lido de todos os escritores populares. Escreveu para sertanejos e matutos, cantadores, cangaceiros, almocreves, comboieiros, feirantes e vaqueiros. É lido nas feiras, nas fazendas, sob as oiticicas nas horas do “rancho”, no oitão das casas pobres, soletrado com amor e admirado com fanatismo. Seus romances, histórias românticas em versos, são decorados pelos cantadores. (CASCUDO, L. **Vaqueiros e cantadores**. São Paulo: Global, 2005, p. 347)

peculiar comparada com a sociedade elitizada. É a presença do social interagindo com o gênero textual cordel.

Um dos principais autores do cordel no Brasil, Patativa do Assaré, traz em sua obra “O boi zebu e as formigas” a representatividade da fala do nordestino nos versos, como se vê a seguir:

O boi zebu e as formigas

Um boi zebu certa vez
Moiadinho de suó,
 Querem saber o que ele fez
 Temendo o calor do só
 Entendeu de demorá
 E uns minuto cuchilá
 Na sombra de um juazêro
 Que havia dentro da mata
 E firmou as quatro pata
 Em riba de um formiguêro.

Já se sabe que a formiga
 Cumpre a sua obrigação,
 Uma com outra não briga
Veve em perfeita união
 Paciente trabaiando
 Suas foia carregando
 Um grande inzempro revela
 Naquele seu vai e vem
 E não mexe com mais ninguém
 Se ninguém mexe com ela.

Por isso com a chegada
 Daquele grande animá
 Todas ficaro zangada,
 Começou a se açanhá

E foro se reunindo
 Nas pernas do boi subindo,
 Constantemente a subi,
 Mas tão devagá andava
 Que no começo não dava
 Pra de nada senti.

Mas porém como a formiga
 Em todo canto se soca,
Dos casco até a barriga
 Começou a frivioca
 E no corpo se espaiado
 O zebu foi se zangando
 E os cascos no chão batia
Ma porém não miorava,
 Quanto mais coice ele dava
 Mais formiga aparecia.

Com essa formigaria
 Tudo picando sem dó,
 O lombo do boi ardia
 Mais do que na luz do só
 E ele zangado as patada,
 Mais força incorporava,
 O zebu não tava bem,
 Quando ele matava cem,
 Chegava mais de quinhenta.

Com a feição de guerrêra
 Uma formiga animada
 Gritou para as companhêra:
Vamo minhas camarada
 Acaba com os capricho
 Deste ignorante bicho
 Com a nossa força comum
 Defendendo o formiguêro
 Nós somos muitos miêro
 E este zebu é só um.

Tanta formiga chegou
 Que a terra ali ficou cheia
 Formiga de toda cô
 Preta, amarela e vermêa
 No boi zebu se espaçando
 Cutucando e pinicando
 Aqui e ali tinha um moio
 E ele com grande fadiga
Pruquê já tinha formiga
 Até por dentro dos óio.

Com o lombo todo ardendo
 Daquele grande aperreio
 zebu saiu correndo
 Sua casa, o formiguêro,
 Botando o boi pra corrê
 Da sombra do juazêro,
Mostraro nessa lição
 Quanto pode a união;
 Neste meu poema novo
 O boi zebu qué dizê
 Que é os mandão do podê,
 E as formina é o povo

Fungando e berrando feio
 E as formiga inocente
Mostraro pra toda gente
 Esta lição de morá
 Contra a farta de respeito
 Cada um tem seu direito
 Até nas leis da natura.
As formiga a defendê

Ao se iniciar a leitura do cordel “O boi zebu e as formigas”, percebe-se que as palavras e expressões em destaque enaltecem a cultura oral nordestina presente no gênero textual cordel.

Nesse cordel, podemos observar, nos trechos em negrito, a presença da oralidade do sertanejo. É possível perceber que o autor usou, ao produzir o cordel, palavras e estruturas que estão no convívio social dos nordestinos, pois visa alcançar seu leitor, já que não adianta o cordelista escrever sua poesia se o seu leitor não vai entender. Dessa forma, o gênero textual cordel aproxima-se da realidade da sociedade não elitizada. Não estamos falando nesse momento da questão interpretativa do cordel na visão literária, mas sim dos componentes que contribuem na elaboração enquanto gênero textual voltado para as questões linguísticas.

Na oralidade, é muito comum notar a construção de sintagmas que não contêm concordância nominal e verbal; se fosse outro gênero textual, haveria a preocupação de adequar a escrita conforme a norma padrão do português brasileiro, mas, por se tratar de uma literatura popular, essa característica se torna uma peculiaridade do gênero textual cordel, uma vez que se utiliza da oralidade e suas variedades na escrita. Esse aspecto na escrita do cordel aproxima o leitor ao gênero, sendo ele um sertanejo, residente da zona rural ou até mesmo o nordestino da zona urbana.

A compreensão parte da premissa de que ficará de fácil entendimento ao interpretar os versos que possuem a variedade linguística do nordestino e/ou sertanejo como, citando apenas dois exemplos, para ilustrar, a apresentação de “vamu”, transcrito da maneira como é falado, e a ausência de concordância verbal no último verso da última estrofe.

2.3 A Relevância do Gênero Textual Cordel no Âmbito Escolar e Cultural no Nordeste

Quando visa trabalhar com o cordel, o professor precisa definir o objetivo que terá ao usá-lo: se para destacar as características literárias ou se para trabalhar como texto autêntico, ou seja, a representação dos falantes reais expressados por meio do gênero textual cordel.

Marcuschi (2002, p. 25) afirma que “os gêneros são formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos”. Dessa maneira, o conceito de gênero textual se aplica ao cordel, pois se trata de uma forma de interação social e comunicativa.

Sabendo que o cordel se classifica como um gênero textual, além de poder trabalhar no âmbito escolar na área da literatura, o professor pode trabalhar com os alunos as questões voltadas para a linguística, desde as classes gramaticais até a variação linguística no cordel.

Ao trabalhar o gênero textual cordel em sala de aula, como sugerimos neste trabalho, o professor não está apenas trabalhando as questões linguísticas ou literárias, como mencionado anteriormente, mas oportunizando que o aluno valorize algo tão representativo para a cultura popular brasileira, que na medida em que os anos passam, vai entrando no esquecimento.

O âmbito escolar é o lugar ideal para que o gênero textual cordel reviva e sobreviva aos percalços postos pela sociedade, a qual desvaloriza um trabalho com uma história rica e presente desde o processo de colonização do Brasil.

De acordo com Maxado (1980), o gênero textual cordel teve um papel fundamental na formação sociocultural no Brasil, pois era o único meio de trabalho dos poetas em meados dos anos de 1930 e 1950, por ter um elevado índice de vendas nas ruas.

Além disso, já era possível ver o cordel dividindo opiniões sobre seu caráter didático ou instrucional. Quando o gênero textual cordel estava no seu auge, vários governantes e empresários de diversos Estados do Brasil como, por exemplo, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso e Goiás, usaram o cordel para ensinar o povo a lidar com a pecuária, a realizar plantações, sendo, ainda, usado na aplicação das leis de trânsito, ensinando a evitar doenças, como pode ser observado pelo que é postulado por Maxado (1980). No entanto, mesmo com esses benefícios para a sociedade, o gênero textual cordel não se categorizava como um instrumento didático para sala de aula, pois o seu uso era destinado para outros fins.

Nos dias atuais, uma possibilidade de inserir o cordel em sala de aula seria por meio das adaptações de obras literárias, como é o caso da obra “O Pequeno Príncipe”, do autor Antoine de Saint-Exupéry, adaptada em cordel por Josué Limeira. O cordelista dá um colorido diferente às xilogravuras básicas do cordel tradicional, tornando-o mais atrativo para o público leitor e para os jovens em sala de aula.

A título de ilustração, apresentamos alguns fragmentos da obra “O Pequeno Príncipe” em cordel (LIMEIRA, 2017, p. 14):

Li um livro sobre florestas virgens
Aos seis anos de idade
Uma jiboia engolia um bicho
Com toda voracidade

Eis a cópia do desenho

Mostrando a fatalidade

O livro assim dizia:

As jiboias comem sem mastigar

E numa digestão de seis meses

Elas começam a roncar

Depois do sono profundo

Buscam presas para matar

(...)

Na obra de Josué Limeira, pode-se observar que as estrofes são constituídas por sextilhas, ou seja, por seis versos, uma das características do gênero, que pode também ser construído em septilhas, décimas ou martelo; além desse aspecto, apresenta também estrofes com versos rimados, outra importante marca do cordel.

Permanecendo nesse contexto de trabalhar o cordel em sala de aula, o livro “Poesia com Rapadura”, de Bráulio Bessa, pode ser utilizado como um instrumento didático. O autor faz uso das características do gênero textual cordel para expor os poemas, ou seja, é um livro de poesia fundamentado na estrutura do cordel.

Trazemos como exemplo o poema “Aos Mestres”, que não tem a presença da variedade linguística vista no cordel de Patativa do Assaré, pois é escrito na variedade padrão do Português Brasileiro. Nesse sentido, a obra de Bráulio Bessa poderia ser usada para trabalhar a variedade padrão do PB, como também para mostrar a diferença de usos, podendo haver comparações entre poemas do autor em relação aos os cordéis de Patativa do Assaré e outros autores que fazem uso da variedade popular. Com isso, os alunos poderiam notar os traços das duas variedades linguísticas nos textos dos autores e até mesmo da obra original de Antoine de Saint-Exupéry, com *O Pequeno Príncipe*, adaptação mencionada anteriormente, fazendo uso da variedade padrão do PB. Esse trabalho oportunizaria mostrar o mesmo gênero, neste caso o cordel, com estilos e variedades linguísticas diferentes.

Aos Mestres

Um guerreiro sem espada,

sem faca, foice ou facão.

Armado só de amor,

segurando um giz na mão;
o livro é seu escudo
que lhe protege de tudo
que possa lhe causar dor.
Por isso eu tenho dito:
tenho fé e acredito
na força do professor.

A se um dia os governantes,
prestassem mais atenção
nos verdadeiros heróis
que constroem a nação;
ah, se fizessem justiça
sem corpo mole ou preguiça,
lhe dando o real valor.
Eu daria um grande grito:
tenho fé e acredito
na força do professor.

(BESSA, 2017, p. 68)

A partir dos poemas de livros como “Poesia com Rapadura”, o professor pode realizar análises tanto com relação à estrutura do gênero cordel, quanto ao que se refere ao âmbito linguístico. Vale ressaltar que levar o aluno a ter essa aproximação com o cordel no âmbito escolar, seja em sua forma original ou adaptada, poderá ser uma ação importante no sentido da permanência cultural desse gênero textual tão pouco visto em sala de aula.

Dessa maneira, surge a importância de discutir maneiras de como lidar com esse gênero no âmbito escolar, para que os alunos tenham uma aproximação mais eficaz, de maneira que possam fazer uso não apenas em sala de aula, mas compreender a influência que o cordel recebe das interações sociais dos falantes de variedades diferentes no Nordeste.

2.4 O uso da literatura de cordel como gênero textual no âmbito escolar

Partindo do pressuposto de trabalhar o cordel como gênero textual e não apenas como obra literária, é possível, além de aspectos outros, abordar de maneira apropriada a variação linguística no âmbito escolar.

Como mencionado no item anterior, entre as décadas de 30 a 50 Maxado (1980) o cordel desempenhou no Brasil um papel próximo do que será proposto nesta pesquisa. No passado, o intuito deste tipo de literatura era instrucional para a sociedade, contradizendo um pouco do conceito de didática.

O que se propõe é o uso do cordel como instrumento didático, pois, ao partir do gênero textual, podemos trabalhar léxico, sintaxe, morfologia, morfossintaxe, buscando analisar a funcionalidade e a construção de sentidos de cada termo para a compreensão do cordel. Além disso, é possível fazer um relevante trabalho de conscientização da variação linguística que, em muitos casos, encontramos nos cordéis, desmitificando o gênero, uma vez que há certo desconforto por parte do professor em levar para a sala de aula um material desvalorizado socialmente por não ser uma literatura de prestígio, e, especialmente, por comportar uma variedade que, embora legítima, é considerada pelo senso comum como “erro de português”.

O professor, além do papel de ensinar, pode colocar em prática o compromisso de formar um cidadão consciente de que no Brasil existem variedades linguísticas e que é preciso saber usar a língua de maneira adequada às situações que exigem uma variedade específica, como bem orientam os PCNs:

No processo de ensino e aprendizagem dos diferentes ciclos do ensino fundamental, espera-se que o aluno amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania (BRASIL, 1999, p. 32).

Assim, é notória a importância de o professor levar o aluno ao domínio ativo do discurso, ou seja, no âmbito sociointeracional, favorecer o uso de todas as variedades linguísticas, especialmente a que tem como base o Português padrão, de maneira a mostrar ao aluno que faz uso da variedade popular nordestina, como a expressada no gênero textual cordel, que ele pode utilizar as duas formas de linguagem, mas que é necessário saber o ambiente em que irá usar uma ou outra. A escola pode buscar ensinar a variedade padrão do

português, porém, isso não significa que o aluno vai precisar excluir sua outra variedade linguística. Usar o gênero textual cordel, expondo a variedade nele empregada, poderá servir como um importante instrumento para levar o aluno a usar adequadamente a língua nas diversas circunstâncias das relações sociais.

Como preveem os PCNS, “todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam” (BRASIL, 1999, p. 21). Isto é, o próprio gênero textual cordel constituído pelas interações comunicativas sociais dos nordestinos, o que leva a entender que, partindo das próprias interações necessárias na produção do gênero textual, o aluno acaba ficando inteirado e conscientizado em sala de aula a respeito dessa variedade linguística popular e sua visão pode ser completamente diferenciada tanto no âmbito escolar, quanto no meio social.

Como bem trata Bosi (1992),

Só há uma relação fecunda entre o artista e a vida popular: a relação amorosa. Sem um enraizamento profundo, sem uma empatia sincera e prolongada, o escritor, homem de cultura universitária, e pertencente à linguagem redutora dominante, se enredará nas malhas do preconceito, ou mitizará irracionalmente tudo o que lhe pareça popular, ou ainda projetará pesadamente as suas próprias angústias e inibições na cultura do outro, ou, enfim, interpretará de modo fatalmente etnocêntrico e colonizador os modos de viver do primitivo, do rústico, do suburbano (BOSI, 1992, p. 331).

Podemos associar a relação esperada por Bosi (1992) entre escritor e cultura com a relação que esperamos deva acontecer entre o professor e a cultura popular, mais precisamente com o cordel. Aceitar o cordel como gênero textual passível de trabalho em sala de aula poderá ajudar na compreensão das diferenças culturais e linguísticas existentes na sociedade. A escola e o professor precisam realizar uma abordagem mais prolongada do gênero textual cordel, praticá-lo como material didático, pois essa pode ser uma forma de ajudar o aluno a não ser corrompido pela sociedade que desqualifica aqueles que fazem uso da variedade popular nordestina da zona rural *versus* urbana.

É possível trabalhar com as obras clássicas adaptadas para o cordel, mas não só com elas, pois os alunos podem acabar conhecendo tal obra apenas por meio dessa leitura. O mais indicado seria trabalhar com a obra original e a adaptada em cordel, para que, nesse ponto, pudesse entrar a prática com o cordel como ferramenta didática no âmbito escolar. Os alunos poderiam fazer comparações entre as obras originais e as adaptadas, buscando analisar algumas características do gênero textual cordel em contraponto com as obras originais,

como, por exemplo, como a estrutura do gênero se alia à variedade linguística apresentada em cada obra, com o professor dando destaque para a variedade nordestina e as escolhas lexicais destes falantes.

Essa atividade oportunizaria ao aluno adquirir um conhecimento em relação a versatilidade do uso das variedades padrão e popular do português brasileiro, além de saber verificar no texto a presença de variedades linguísticas que podem ser distantes de sua realidade enquanto morador de zonas urbanas, ou criando um novo olhar para aqueles alunos que já fazem uso da variedade linguística presente no cordel que está sendo trabalhada em sala de aula por serem moradores das zonas rurais ou rurbanas.

Para entender essa relação entre as variedades padrão e popular do PB que permeiam as relações sociointeracionais, influenciando a fala e a escrita, convém entendermos alguns pontos teóricos, os quais apresentamos a seguir.

2.5 O papel da Sociolinguística Educacional

Para Labov (2008), a definição de língua deve levar em consideração o contexto no qual o sujeito se encontra, seja esse físico ou relativo a determinado grupo social, além da função comunicativa que exerce. Só com base no contexto é que se faz possível entender os processos de variação e mudança linguística.

Essa relação intensiva do social influenciando nas escolhas dos falantes, conforme postulado pela Sociolinguística é bem apresentada no gênero textual cordel na medida em que a língua é representada da maneira como acontece na comunidade de fala nordestina.

Em relação ao cordel, há um enaltecimento da fala do nordestino, seja ele da zona rural ou da área urbana, pois dependerá de qual nordestino está sendo representado na prática comunicativa e, posteriormente, na escrita por meio do cordel: pode ser aquele da zona urbana, que tem acesso facilitado a bens culturais, ou o nordestino que mora na zona rural, no sertão, e que não tem as mesmas oportunidades.

Neste caso, a fala do nordestino presente no cordel dependerá de qual variedade o autor do poema fará uso na escrita, podendo ser a variedade usada pelos falantes da zona rural e, conseqüentemente, com traços que divergem da variedade padrão do Português Brasileiro na área urbana, como analisamos mais adiante.

As práticas interacionais acontecem por meio do uso da língua de fato, por isso heterogênea, variada e diversa. Esse uso também está presente no âmbito escolar.

Diante disso, a Sociolinguística Educacional visa se ocupar dessa diversidade, isto é, tratar das variedades da língua com o objetivo de conduzir os professores a melhor maneira de trabalhar com a variação linguística, como Bortoni-Ricardo e Freitas (2009) apontam:

Desde o seu berço a Sociolinguística, tanto na sua vertente variacionista quanto na sua vertente qualitativa, demonstrou preocupação com o desempenho escolar de crianças provenientes de diferentes grupos étnicos ou redes sociais. Desde então muito tem contribuído para os avanços na pesquisa das questões educacionais em diversos países do mundo, principalmente nas últimas quatro décadas. O objetivo tem sido o de construir novas metodologias que auxiliem professores a desenvolver em seus alunos as habilidades cognitivas necessárias a uma aprendizagem mais ampla. (BORTONI-RICARDO; FREITAS, 2009, p. 218).

Bortoni-Ricardo (2005), ao lançar essa vertente da Sociolinguística mais voltada para a sala de aula, propõe uma forma de estudar, de entender o PB e sua variabilidade. Para a autora, todos os falantes do Português Brasileiro podem ser colocados em linhas imaginárias, que ela chama de contínuos, explicando que a abordagem teórica por contínuos é uma estratégia produtiva em sala de aula (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 38), isso por que, dessa maneira, os professores podem analisar a variedade do seu aluno, partindo de qual posição do contínuo ele se encontra, sem que haja estigmatização, pois o professor levaria o aluno a compreender a importância do uso da variedade padrão para inserção na sociedade que tem um olhar seletivo ao uso das variedades da língua, sem desmerecer o uso que faz.

No entanto, o primeiro passo vai partir do professor ao saber lidar de forma adequada com as questões das variedades linguísticas em sala de aula, de maneira a ampliar o conhecimento linguístico do aluno para uma perspectiva sobre a língua ser heterogênea. Uma importante forma de começar a levar o aluno a tal conscientização seria através da noção da diferença entre oralidade e escrita, como apontamos a seguir.

2.6 Oralidade e Escrita no Gênero Textual Cordel

O gênero textual cordel possui uma marca que o torna diferente de tantos outros gêneros textuais existentes, uma vez que há a relação entre língua falada e escrita bem mais presente em seus versos rimados.

Para compreendermos a relação entre a fala e a escrita, Marcuschi (2010) faz o seguinte apontamento:

1. A oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso. Uma sociedade pode ser totalmente oral ou de

oralidade secundária, como se expressou Ong (1982), ao caracterizar a distinção entre povos com e sem escrita. Considerando-se essa posição, nós brasileiros, por exemplo, seríamos um povo de oralidade secundária, tendo em vista o intenso uso da escrita neste país.

2. A fala seria uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral (situa-se no plano da oralidade secundária, portanto), sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano. Caracteriza-se pelo uso da língua na sua forma de sons sistematicamente articulados e significados, bem como os aspectos prosódicos, envolvendo, ainda, uma série de recursos expressivos de outra ordem, tal como a gestualidade, os movimentos do corpo e a mímica (MARCUSCHI, 2010, p. 25-26).

Sabendo que o gênero textual cordel é representado por práticas sociais interativas, os conceitos de oralidade e escrita apontados por Marcuschi (2010) podem ser adotados por meio de uma perspectiva interacional dos sujeitos envolvidos no gênero textual cordel. O conceito de oralidade torna-se evidente quando é notória a presença das variedades formal e informal do PB, sendo essa informalidade aqui representada pelo por uma das variedades do falar nordestino.

Acrescenta ainda Petter (2017) a respeito da língua falada:

Reconhecer um continuum de variedades de língua portuguesa coloca em debate uma nova “questão da língua”, mas também incita à relação de uma outra perspectiva teórico-metodológico de análise do português falado no Brasil e diversa da que vinha desenvolvendo, baseada somente no cotejo com o português europeu. (PETTER, 2017, p. 84)

Partindo dessa perspectiva, o Português Brasileiro (PB) passou a ser analisado de forma particular em relação ao Português Europeu (PE), isso porque, além de todo o contexto histórico ir definindo os usos como variedades com especificidades próprias, foram surgindo aspectos linguísticos também próprios do português falado no Brasil, principalmente por questões geográficas e socioculturais.

No gênero textual cordel, a cultura popular nordestina é enaltecida de forma que, em grande parte de seus versos, a relatos do dia a dia do nordestino e, por se tratar de um gênero textual que traz como característica a oralidade presente na escrita, faz com que se torne um gênero textual com uma marca de variação tanto geográfica quanto sociocultural.

A autora Bortoni-Ricardo (2004) faz uma representação do contínuo de urbanização para correlacionar a variedade rural com a variedade urbana:

Figura 1 – Currículo de Urbanização



Fonte: BORTONI-RICARDO (2004. p. 52).

De acordo com a autora, podemos situar qualquer falante brasileiro, e, dessa maneira, em especial o nordestino, em algum ponto desse contínuo, partindo dos usos que faz da língua.

No contínuo apresentado por Bortoni-Ricardo (2004), vemos dois extremos: nas pontas, temos a zona rural e a zona urbana; na parte central, encontra-se a área rurbana, onde está localizada a maioria dos falantes quando relacionamos esse contínuo a práticas sociointeracionais.

À medida em que saímos do extremo da zona rural no contínuo, o falante da variedade popular vai se posicionar mais adiante nessa linha imaginária, realizando uma variedade entre o Português popular e a Português padrão. No entanto, essa adaptação na área rurbana pode encadear traços descontínuos na fala, ou seja, uma quebra de expectativa em relação ao uso da língua por parte do interlocutor, pois o falante poderá fazer uso de uma variedade próxima dos falantes da zona urbana, mas apresentando traços descontínuos, entretanto, não tanto quanto os traços apresentados pelos falantes da zona rural, como, por exemplo, *moiadinho*, *trabaiando*, *pruquê*, usados por Patativa do Assaré no cordel “O boi zebu e as formigas”.

Percebemos também, ao longo do contínuo, a existência de traços graduais, por exemplo, os termos: *cuchilá*, *demorá* e *acanhá* no mesmo cordel que são palavras que, quando representadas na escrita, trazem marcas da oralidade, ou seja, marcas que estão presentes em todos os falantes do PB em momentos de descontração e que ao fazer uso não causam estranhamento, diferentemente dos traços descontínuos que representam a variedade rural, podendo causar estranhamento nas práticas sociocomunicativas.

Para assegurar, Bortoni-Ricardo (2004) ainda exemplifica por meio do personagem Chico Bento da Turma da Mônica, que faz uso dos traços graduais em sua linguagem e que estaria situado na área urbana:

(...) Alguns itens são típicos dos falares situados no pólo rural e que vão desaparecendo à medida que nos aproximamos do pólo urbano. Dizemos, então, que esses traços têm uma distribuição descontínua porque seu uso é “descontinuado” nas áreas urbanas. Há outros traços na nossa listinha do Chico Bento que estão presentes na fala de todos os brasileiros e, portanto, se distribuem ao longo de todo o contínuo. Esses traços, ao contrário dos outros, têm uma distribuição gradual. Vamos chamá-los de traços graduais. Observe que os traços descontínuos são os que recebem carga de avaliação negativa nas comunidades urbanas. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 53)

O contínuo de urbanização representa o processo de consolidação das variedades popular e padrão do PB, localizadas do extremo rural ao extremo urbano, o que acontece em todo o Brasil, e no Nordeste poder ser representado pelo do gênero textual cordel quando faz uso da oralidade do nordestino. Entretanto, é possível notar que existem cordéis materializados com a variedade popular do nordestino, como também há outros com a variedade padrão do PB. Dessa maneira, trazem os traços graduais de falantes situados na zona urbana, rurba e da variedade popular na zona rural, com os traços descontínuos presentes na área rurba e na zona rural.

O autor do cordel, quando faz uso da variedade popular, tem o intuito de se aproximar do leitor rural ou rurba, até pelo fato de que o campo lexical estará mais próximo da realidade desse grupo social. No caso da escolha pela variedade padrão do PB, o público alvo já passa a ser outro, ou seja, aquele de prestígio e que apresenta uma posição hierárquica no patamar mais alto da sociedade. É possível perceber isso nos cordéis do autor Bráulio Bessa (2017), pois há a presença da variedade padrão do PB, então o público alvo passa a ser as pessoas de prestígio social ou falantes da variedade padrão que constituem uma camada mais elitizada na sociedade. No entanto, ainda assim, o autor apresenta alguns termos do léxico nordestino de forma interposta à variedade padrão para tentar representar, por meio do cordel, a cultura popular, ou seja, de uma variedade popular que acontece com alguns termos em destaques como, por exemplo, *avexe*, *óxente*, entre outros.

O poeta e cordelista Patativa do Assaré pode ser um exemplo da fala inserida neste contínuo proposto por Bortoni-Ricardo (2004). Em um trecho de “O inferno, o purgatório e o paraíso”, faz uso da variedade padrão do PB, que certamente seria aceita no âmbito escolar sem rejeição; ao passo que em “Cante lá que eu canto cá” apresenta a variedade popular, como vemos nos exemplos:

O inferno, o purgatório e o paraíso

(...)

Já mostrei, meu leitor, com realeza,
 Pobres, médios e ricos potentados,
 Na linguagem sem arte e sem riqueza.
 Não são versos com ouro burilados,
 São singelos, são simples, sem beleza,
 Mas, nos mesmos eu deixo retratados,
 Com certeza, verdade e muito siso,
 O Purgatório, o Inferno e o Paraíso.

(ASSARÉ, 1992, p. 43-47)

Cante lá, que eu canto cá

(...)

Sua rima, inda que seja
 Bordada de prata e de oro,
 Para a gente sertaneja
 É perdido este tesôro.
 Com o seu verso bem feito,
 Não canta o sertão direito,
 Porque você não conhece
 Nossa vida aperreada.
 E a dô só é bem cantada,
 Cantada por quem padece.

(...)

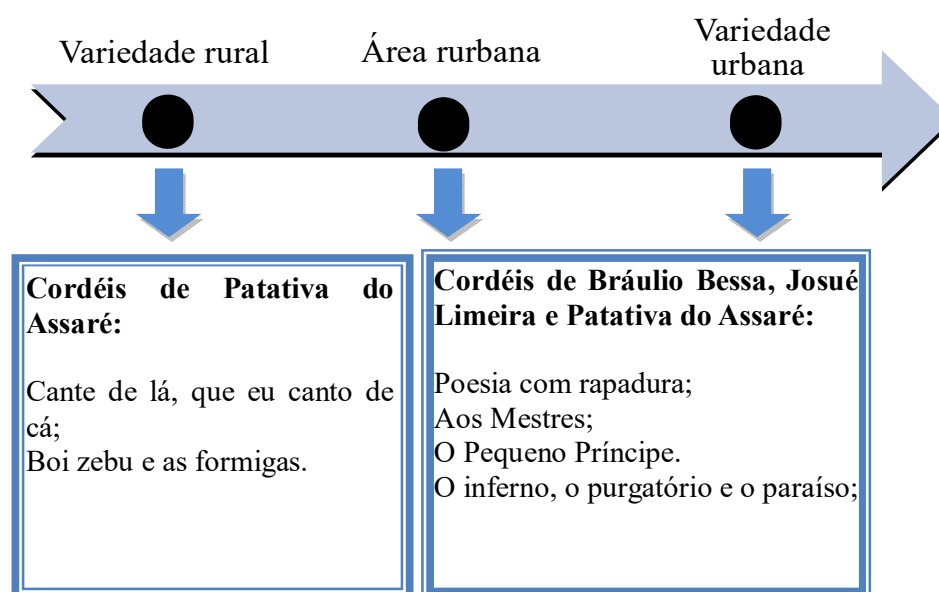
(ASSARÉ, 1992, p. 25-29)

O fragmento extraído do cordel “Cante de lá, que eu canto de cá”, demarca a oralidade do nordestino que faz uso da variedade popular. Neste caso, fica visível que o poeta não produzia cordéis apenas para os sujeitos dessa variedade. Assim, podemos representar os cordéis de Assaré neste contínuo proposto por Bortoni-Ricardo (2004), à medida que traz traços descontínuos marcas variedade rural ou popular, como também traços graduais, presentes na fala de todos os brasileiros, e, ainda, marcas do Português Padrão, mais comum

na área urbana. Se analisarmos o termo “potentados”, por exemplo, no segundo verso do primeiro exemplo, podemos fazer uma relação com um grupo social que domina a variedade padrão do PB, pois é uma escolha lexical um tanto distante do dia a dia do nordestino da zona rural ou rurbana ou que mora no sertão. No segundo texto, encontramos alguns exemplos da variedade popular do nordestino como, por exemplo, no sexto verso, a palavra *dereito*, que foi representada no poema da forma como é falada, ou seja, o fonema /i/ foi substituído pelo /e/ da maneira que se pronuncia na variedade popular.

Assim, se formos colocar as falas de ambos os cordéis no contínuo de urbanização, tomando como base traços descontínuos como *animá*, *miorava*, *pruquê*, *foia* e *lugá*, *devagá*, assim como traços graduais como *demorá*, *cuchilá* e *juazêro*, teríamos a seguinte representação:

Figura 2 - Aplicando os cordéis analisados no contínuo de urbanização



Fonte: Autor (2019).

Visando responder às questões aqui apresentadas, analisamos a partir da próxima seção, a realidade do cordel em escolas do Município de Penedo.

3 O CORDEL EM PENEDO: ANÁLISE EM AMBIENTE ESCOLAR

3.1 Procedimentos Metodológicos

A pesquisa aqui realizada tem cunho qualitativo-interpretativista, partindo de pressupostos da Sociolinguística Educacional, mas também se orienta por uma visão da Linguística Aplicada ao apresentar e propor uma metodologia para o ensino de línguas, ou seja, encerra-se como pesquisa propositiva-intervencionista, de acordo com Amorin (2017, p. 19), que entende essa metodologia como um “modo do fazer científico que, partindo de investigações sobre a natureza da linguagem e do ensino, traz propostas para a concretização da ensinagem de línguas em território nacional”.

Para atingir os objetivos propostos nesta pesquisa, analisamos inicialmente o uso ou não uso do gênero textual cordel em sala de aula. Sendo assim, foram selecionadas duas escolas no município de Penedo/AL, sendo uma escola situada na zona rural e outra na área urbana, para que, dessa forma, pudéssemos verificar os aspectos que partem desde as práticas sociointeracionais do cotidiano dos falantes das variedades investigadas na pesquisa para o âmbito escolar, podendo gerar enfrentamentos culturais por tratar de uma variedade popular *versus* a padrão do PB.

As leituras que serviram como base teórica sustentam-nos em três segmentos: tratamento dos gêneros textuais com Marcuschi (2002), Bakhtin (2000); à variação linguística e Sociolinguística Educacional com Bortoni-Ricardo (2005); preconceito linguístico com Bagno (2009) e, por fim, a proposta de trabalho com sequência didática, com de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

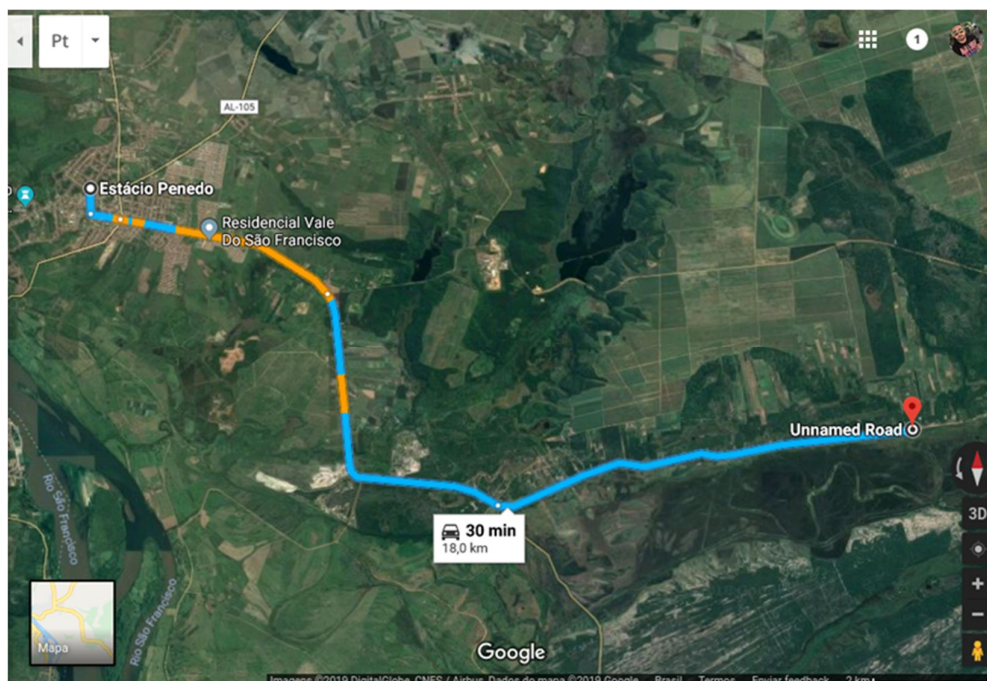
A escolha por uma escola na zona rural e outra na área urbana parte do propósito de uma análise com base no contínuo de urbanização proposto por Bortoni-Ricardo (2004) e já caracterizado neste trabalho, e assim averiguar os traços das variedades nesta linha imaginária.

Após as leituras e estudos teóricos, partimos para a aplicação da pesquisa em campo, isto é, a execução da sequência didática nas duas escolas, para que fosse possível analisar os traços linguísticos das variedades do PB no Nordeste, especificamente no município de Penedo.

Assim a, pesquisa foi aplicada em duas escolas do município de Penedo-Alagoas, que fica localizada a 171 km da capital alagoana, Maceió, sendo uma da rede privada e outra da rede pública de Ensino. Uma Escola Privada na zona urbana e uma Escola Pública na zona

rural, separadas por 18 km como podemos ver na imagem a seguir em que se tem um difícil acesso até a escola da zona rural:

Figura 3 - Distância entre as escolas (Urbana) x (Rural)



Fonte: Google Maps (2019).

3.2 O Campo de Pesquisa

A seguir, apresentamos escolas envolvidas na pesquisa e que serviram de espaço/laboratório. A pesquisa buscou analisar a presença da variação linguística no gênero textual cordel e a inclusão como material didático em sala de aula, aplicando num contexto social e educacional próximo da realidade dos alunos de duas escolas no município de Penedo/AL.

Tivemos a participação dos alunos das turmas das séries finais do Ensino Fundamental II, tanto na escola da zona rural quanto da zona urbana com as turmas do 8º e 9º Ano. Vale ressaltar que para a aplicação da Sequência Didática (SD) foram necessárias cinco aulas para desenvolver: a) apresentação da situação; b) produção inicial; c) módulo I; d) módulo II; e) módulo III e f) produção final.

3.3 Análise de Traços Lexicais e Morfossintáticos da Variedade Nordestina

A linguagem é “qualquer sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar ideias e sentimentos, isto é, conteúdos da consciência” (BECHARA, 2009, p. 28), sendo assim, a variedade linguística popular nordestina recebe a representação dos signos simbólicos que são característicos da variedade popular para a elaboração das relações sociointeracionais nas comunidades da zona rural, mas esses signos simbólicos, como apontados por Bechara (2009) têm o objetivo de expressar e comunicar nas relações interacionais permitindo que haja uma compreensão entre os falantes de variedades linguísticas diferentes posicionados num contínuo.

Os traços morfossintáticos e lexicais da variedade popular nordestina como um todo apresentam um distanciamento em relação ao que Castilho (2002) classifica como língua culta, aquela em que está num nível de elitização por parte da sociedade.

Esses dois campos, lexical e morfossintático, serviram como base para analisar a variedade linguística nordestina popular, especificamente, a variedade presente no gênero textual cordel. Assim, podemos destacar a variedade nordestina popular (urbana) x variedade nordestina popular (rural).

Na quadro 1, analisamos os traços morfossintáticos nas palavras e sintagmas extraídos do cordel “O boi zebu e as formigas” do cordelista Patativa do Assaré, o qual faz uso de uma variedade linguística popular que pode ser representada pelos falantes da zona rural, como também alguns traços morfossintáticos e lexicais de falantes da área urbana apontada pela autora Bortoni-Ricardo (2004).

Quadro 1 - Variedade popular nordestina X variedade padrão do PB no gênero textual cordel.

Variedade Popular Nordestina	Variedade Padrão	Sintagmas	Marca Gradual	Marca Descontínua
Moiadinho	molhadinho	<u>Moiadinho</u> de <u>suó</u>		x
só	sol	Temendo o calor do <u>só</u>		x
demorá	demorar	Entendeu de <u>demorá</u>	x	
cuchilá	cochilar	E uns minuto <u>cuchilá</u>	x	
juazêro	Juazeiro	Na sombra de um <u>juazêro</u>	x	
miorava	melhorava	<u>Ma</u> porém não <u>miorava</u> ,		x
trabaiando	trabalhando	Paciente <u>trabaiando</u>		x

foia	folha	Suas foia carregando		x
inzempro	exemplo	Um grande inzempro revela		x
animá	animal	Daquele grande animá		x
devagá	devagar	Mas tão devagá andava		x
espaiado	espalhando	E no corpo se espaiado		x
Pruquê	porque	Pruquê já tinha formiga		x

Fonte: Autor (2019)

De acordo com Vieira & Freire (2016),

Considerando o contexto escolar, especialmente a trajetória dos níveis mais elementares ao nível médio [...] é preciso admitir que, em cada fenômeno morfossintático, ocorrem, nos textos escolares, desde as variantes **mais formais e típicas de alto grau de letramento às mais informais e típicas de baixo grau de letramento**. (VIEIRA E FREIRE, 2016, p. 85; grifos nossos)

Apoiando-se no que os autores apresentam, o espaço em que ficam visíveis essas variantes é a escola, isso porque os alunos poderão ter acesso detalhado desses traços morfossintáticos através dos gêneros textuais que têm em suas composições variedades linguísticas resultantes de um processo sociointeracional e cultural. A maneira como ocorre com o gênero textual cordel, fazendo uso de uma variedade rural nordestina, como também em algumas obras utilizam-se de uma variedade padrão do PB, a qual situa-se na área urbana no contínuo proposto por Ricardo-Bortoni (2004).

Dessa maneira, observando a proposta da autora em relação aos traços graduais e descontínuos, percebemos que, em relação às questões morfossintáticas, a mais marcante se refere à concordância.

Nos exemplos que seguem, podemos analisar marcas que caracterizam a variedade popular, ou seja, que indicam a presença do falar popular nordestino na escrita do gênero textual cordel com a ausência da concordância nominal nos sintagmas.

Exemplo 1: E **uns minuto cuchilá**.

Exemplo 2 – **Vamo minhas camarada**.

Exemplo 3 – **As formiga** a defende.

Esses sintagmas apresentam ausência de desinência de número, isto é, a flexão nominal fica comprometida em relação ao que prescreve a norma padrão do PB. No entanto,

analisando por uma perspectiva variacionista, eles não têm perda no campo semântico, isso porque o sentido emitido pelo emissor para o receptor continuará o mesmo, a única objeção está em ter sido realizada a concordância padrão, que especifica a presença dessa marcação como uma marca da variedade culta do PB.

Já os próximos exemplos trazem marcas descontínuas da fala do PB, presentes entre falantes que vão do ponto rural ao urbano do contínuo.

Exemplo 4: **Moiadinho** de **suó** (malhadinho de suor).

Exemplo 5: Mas tão **devagá** andava (mas tão devagar andava).

O exemplo 4 traz o termo “moiadinho”, em que ocorre a troca do ‘lh’ pelo ‘i’. Essa é uma marca descontínua, pois quebra a expectativa do interlocutor, que esperava ouvir “molhadinho” e ouve essa variante. Essa forma é bastante comum no ponto rural do contínuo, sendo também bastante produtiva na zona urbana.

Em “devagá” e “suó”, no exemplo 5, apesar de também acontecer a queda do erre final, a avaliação é outra. No caso dessas das palavras, somente falantes do ponto rural do contínuo, e alguns do ponto urbano, apresentam essas variantes.

Melo (1981) classifica essa troca lh/i como semivocalização, alertando que isso tornou-se um fenômeno comum, principalmente quando se trata das regiões do interior no Brasil. No Nordeste fica perceptível na variedade popular, como vimos em “moiadinho”, e também nos exemplos a seguir:

Exemplo 6: Mas porém não **miorava**;

Exemplo 7: Paciente **trabaiano**;

Exemplo 8: Suas **foia** carregando;

Exemplo 9: E no corpo se **espaiado**

Analisando os termos grifados, podemos perceber que ocorreu a semivocalização das consoantes líquidas laterais. Os exemplos de variedade popular nordestina retirados do cordel do autor Patativa do Assaré apresentam as seguintes passagens da variedade padrão do PB para a variedade popular nordestina representada pela semivocalização do /lh/ como podemos analisar nos exemplos (melhorava > miorava; trabalhando > trabaiano; espalhando > espaiando).

No caso do exemplo **juazêro**, temos a presença de uma monotongação, ou seja, um traço gradual nos falantes do PB em que implica na queda da semivogal /i/, ou seja, trata-se de um ditongo crescente e na oralidade a pronúncia do /i/ tem uma tendência de ser ocultada como podemos observar nos exemplos apresentados por Bortoni-Ricardo (2009):

Ainda que a regra de monotongação dos ditongos com a semivogal /i/ esteja menos avançada na língua que a regra de monotongação do ditongo /ou/, ela requer também muita atenção em sala de aula, principalmente em palavras muito usadas como **dinheiro, cozinheiro, inteiro, cabeleireiro, beijo**, etc. (BORTONI-RICARDO, 2009, p. 74; grifos nossos)

No cordel em análise, ocorre uma marca bastante característica da variedade popular, em especial das falas colocadas no ponto mais próximo do rural, que é o “pruquê”.

Exemplo 10 – **Pruquê** já tinha formiga.

A respeito da estruturação silábica, temos a seguinte sequência: consoante > vogal > consoante (CVC), como uma das possibilidades no PB. Em um dos versos de Patativa do Assaré podemos notar a troca de posição da vogal pela consoante em “pruquê”, ou seja, o falante nordestino da zona rural faz essa prática na oralidade que o autor representou na escrita.

Nos exemplos 11 e 12 temos marcas descontínuas, pois trata do não uso da concordância verbal padrão, uma característica não visível nos falantes da variedade padrão do PB, mas bastante comum em falantes da área rural.

Exemplo 11 – Que é os **mandão** do podê;

Exemplo 12 – E **as formiga** é o povo.

Outro traço linguístico bastante produtivo no falar rural, ou seja, na variedade popular, é o rotacismo, como afirma Costa (2011):

No português brasileiro, a alternância entre as líquidas pode ocorrer em dois contextos silábicos: no ataque complexo, como, por exemplo, a realização de brusa ou blusa, ou na coda silábica, como, por exemplo, a realização de purso ou pulso. O fenômeno tem sido tradicionalmente descrito como a troca de um som lateral por um som vibrante (COSTA. 2011, p. 16).

No exemplo abaixo, podemos observar o funcionamento desse traço linguístico presente na variedade popular:

Exemplo 13 – Contra a **farta** de respeito.

Partindo da análise desse traço, podemos relacioná-lo com a variedade popular do PB, pois esse uso diverge na variedade padrão, isto é, a presença do rotacismo ao trocar do /l/ pelo /r/ com isso mostrando uma representatividade do falar na escrita.

Esses traços estão diretamente ligados aos falantes rurais, variedade até então estigmatizada, pois seus usuários podem ser vítimas de preconceito linguístico. Essa relação entre preconceito o gênero textual cordel é tratada a seguir.

3.4 Há Preconceito Linguístico em Relação ao Gênero Textual Cordel?

O gênero textual cordel, por ser constituído de variedades linguísticas diversas, pode ser passível de preconceito linguístico, seja numa interação social cotidiana ou no âmbito escolar, pois nesse gênero textual podemos encontrar traços da variedade popular, mais estigmatizada, como também da variedade padrão do PB. Esse acontecimento se dá pela presença marcante da oralidade que ganha representação na escrita do cordel.

Castilho (2002) atesta um caráter heterogêneo ao PB, sendo assim, a linguagem dos brasileiros não é idêntica, podendo apresentar mais de um ponto de variação. Entre os tipos de variação pertinentes ao PB, a variação geográfica é aquela que traz a diversidade de forma mais clara, pois a forma de falar de diferentes regiões do país é perceptível por meio do tamanho da extensão territorial. Pessoas do Sul não têm a mesma forma de falar das pessoas do Nordeste, como também as do Norte não falam igual às pessoas do Sudeste. Entretanto, essa variação linguística entre pessoas de diferentes regiões do Brasil não interfere na compreensão de uma forma geral. No caso da variação sociocultural, algumas características do gênero textual cordel mostram-na com clareza, como a diferença entre falantes de uma mesma região do Brasil (Nordeste), como é o caso do português culto x português popular citado por Castilho (2002).

Em relação a isso, Bagno (2013) assevera:

Embutida nessa dicotomia estava, talvez, a crença numa ilusão: a de que as elites urbanas letradas falavam uma modalidade de língua muito próxima (senão igual) ao modelo prescrito pelas gramáticas normativas, vinculadas umbilicalmente a um ideal linguístico construído com base nos usos literários dos principais autores portugueses a partir do Romantismo (BAGNO, 2013, p. 56).

O uso de determinada variedade indicará qual grupo social o falante está inserido. Para este estudo em especial, trouxemos cordéis que retratam na escrita o uso do PB popular e culto representados através do falar do nordestino.

Quadro 2 - Principais características do PB culto e do PB popular:

PB Culto	▪ Padrão linguístico; ▪ Maior prestígio; ▪ Literatura e linguagem escrita; ▪ Vocabulário mais amplo; ▪ Falantes cultos;
PB Popular	▪ Menor prestígio; ▪ Linguagem escrita popular; ▪ Gíria; ▪ Quebra de padrão da gramática tradicional; ▪ Situações informais.

Fonte: CASTILHO (2002).

No gênero textual cordel, encontramos a variedade culta em muitas publicações e também a variedade popular, e, nestas, destacam-se falantes menos privilegiados na sociedade, como é o falar nordestino. Além disso, há o uso da linguagem popular na escrita, como reflexo da oralidade desses falantes e as situações informais que comportam as relações comunicativas do seu cotidiano, os quais acabam sofrendo preconceito linguístico por não estarem inseridos ou fazerem uso da variedade padrão do PB.

3.5 O Preconceito linguístico como reflexo das práticas sociointeracionais

Ao longo de muitas décadas, o sujeito presente no cordel vem gritando suas mazelas, reivindicações, pelejas do dia a dia, entre tantos outros segmentos expostos em seus versos que não só trazem histórias de um povo com a vida sofrida, como também disseminam sua a cultura popular que resiste até os dias atuais. Como atesta, Pinheiro (2012):

A literatura de cordel, ao longo de sua história, tem sido instrumento de lazer, de informação, de reivindicações de cunho social, realizadas, muitas vezes, sem uma intencionalidade clara. Podemos apontar no cordel uma acentuação do caráter de denúncia de injustiças sociais que há séculos estão presentes em nossa sociedade. Seriam muitos os exemplos desta faceta da literatura de cordel. [...] (PINHEIRO, 2012, p. 88)

De acordo com os PCNs (BRASIL, 1998), é possível notar como as relações sociais contribuem para a consolidação negativa do preconceito linguístico no âmbito escolar e social:

A discriminação de algumas variedades lingüísticas, tratadas de modo preconceituoso e anticientífico, expressa os próprios conflitos existentes no interior da sociedade. Por isso mesmo, o preconceito lingüístico, como qualquer outro preconceito, resulta de avaliações subjetivas dos grupos sociais e deve ser combatido com vigor e energia. É importante que o aluno, ao aprender novas formas lingüísticas, particularmente a escrita e o padrão de oralidade mais formal orientado pela tradição gramatical, entenda que todas as variedades lingüísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humana. Para isso, o estudo da variação cumpre papel fundamental na formação da consciência lingüística e no desenvolvimento da competência discursiva do aluno, devendo estar sistematicamente presente nas atividades de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998, p. 82).

É nesse sentido que trazemos o gênero textual cordel como uma proposta para o trabalho em sala de aula. Como os traços descontínuos da língua estão presentes no gênero textual cordel há preconceito em relação ao uso no âmbito escolar. No entanto, a escola tem o papel de apresentar ao aluno as variedades existentes no PB, para que, dessa forma, possa ser trabalhada variação lingüística em sala de aula, com o intuito de formar um cidadão capaz de respeitar as variedades que divergem do padrão do PB. E aqui reiteramos a importância do cordel, uma vez que, ao perceber a variedade popular sendo valorizada, o aluno que tem essa forma de falar como identidade, não pode ser instigado por meio do preconceito lingüístico a anular sua variedade popular nordestina. Entenderá, portanto, que mesmo havendo momentos em que sua fala deverá tender para a variedade padrão da língua, sua fala não é feia, nem errada.

O professor é o estudioso que tem a função de mostrar aos alunos que, ao lidar com variedades do PB, não podemos classificar falares como “certos” ou “errados”, pois o objetivo de trabalhar a variação lingüística em sala de aula é formar o aluno para que seja ele o “estudioso” no convívio social e sabendo portar-se no uso dessas variedades, para isso Faraco (2008) afirma:

O estudioso qualificado da língua não sai por aí simplesmente condenando os usos modernos como “erros”. O estudioso qualificado sabe que a língua muda e que é preciso estar atento aos usos. Se a inovação é de uso corrente entre os falantes letrados, uma boa descrição da norma culta/comum/standard deve fazer referência a ela. (FARACO, 2008, p. 98)

Lucchesi (2015) entende o preconceito lingüístico como resultante do processo de homogeneização do PB, pois no Brasil predomina, ainda, a ideia de uma língua padrão e única por parte de uma sociedade elitizada que exclui a variedade popular.

Acrescenta ainda, Itani (1998):

Não se pode afirmar que temos uma vivência com a tolerância e o preconceito em nossa prática escolar. É certo que falar em preconceito, em realidade, tornou-se um tema tabu. A escola sempre foi considerada uma instituição de seleção e diferenciação social e nos comportamos como se isso não existisse. Com isso, estamos sempre em situação de fragilidade, de “estar pisando em ovos” na prática escolar, sem podermos romper com isso. É fato que não se pode negar a seletividade que está presente na prática institucional escolar e, por vezes, de caráter elitista. A vivência do preconceito pode ser notada pela prática da diferença, que é muito presente no cotidiano brasileiro. (ITANI, 1998, p. 120)

Assim, podemos observar que no âmbito escolar o preconceito linguístico se torna mais notável, principalmente ao trabalhar com gêneros textuais que possuem como características algum tipo de variedade que entra em discordância com o do PB padrão, como é o caso do gênero textual cordel usado como material didático em sala de aula.

A escola exerce funções que vão além do ensino, no sentido de formar um cidadão que esteja apto para as relações sociais. Se o preconceito linguístico está presente na sala de aula, o professor pode recorrer a materiais didáticos como o gênero textual cordel para trabalhar a variação linguística de forma adequada, desmitificando aquele pensamento culturalmente formulado no aluno de que o termo “trabaiando” está errado e o uso correto seria “trabalhando”. É preciso mostrar que o PB é uma língua heterogênea com a existência de variedades linguísticas e que elas não têm a função de qualificar o seu usuário nas relações sociointeracionais, mas que são traços de um grupo social, com sua cultura e seu falar legítimo.

O preconceito linguístico não será suprimido de uma hora para a outra, pois se trata de uma questão que está impregnada nas interações sociais. Para isso, como aponta Bagno (2002);

[...] é interessante estimular nas aulas de língua materna um conhecimento cada vez maior e melhor das variedades sociolingüísticas para que o espaço de sala de aula deixe de ser o local para estudo exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos (BAGNO, 2002, p. 134).

É preciso desmistificar a relação do certo *versus* errado na língua falada do PB, visto que não se trata de uma língua padrão ou sem variação, pelo contrário, o Brasil tem um território vasto e suas regiões apresentam culturas diferentes desde os colonizadores, além de migrações que influenciaram a formação e a estrutura de determinada variedade linguística.

Esse processo de desmistificação deve partir da sala de aula, apresentando aos alunos que além da variedade padrão do PB, ou seja, a forma trazida pelos livros didáticos e a que é cobrada nas interações sociais mais formais, não é a única no Brasil, mas que há inúmeras variedades linguísticas.

Em relação a isso, Bagno (1999) acrescenta,

O preconceito lingüístico se baseia na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação lingüística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito lingüístico, “errada”, feia, estropiada, rudimentar, deficiente, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português” (BAGNO, 1999, p. 40).

Mas sabemos que a língua é heterogênea e esse aspecto torna-se visível através das relações sociocomunicativas e sociointeracionais com falantes de diferentes variedades, para isso a autora Bortoni-Ricardo (2010), nos apresenta a seguinte afirmativa:

A heterogeneidade em nossa língua, cujas origens remontam às desigualdades sociais vigentes desde o período colonial, está diretamente relacionada ao acesso que os grupos sociais têm à cultura letrada e hegemônica, cultivada principalmente pelas elites urbanas. (BORTONI-RICARDO, 2010, p.73).

3.6 Variedade Linguística Rural (Escolar) X Urbana (Escolar) no Município de Penedo/AL e a Relação Estreita com o Cordel

A relação entre variedade linguística rural e urbana no âmbito escolar perpassa a relação sociointeracional que o aluno participa, seja na comunidade em que reside ou nas demais interações cotidianas.

Por meio do contínuo de urbanização proposto por Bortoni-Ricardo (2004), é possível elencar fatores que possibilitam a relação entre as duas variedades linguísticas no município de Penedo-Alagoas. Há uma distância física entre os falantes da variedade rural popular e da variedade urbana padronizada. Esses falantes, quando colocados nessa linha imaginária do contínuo, em quem temos dois extremos, quanto mais estiverem próximos da área urbana, é provável que façam uso da variedade padrão, porém Bortoni-Ricardo (2004) faz apontamentos de que por questão informalidade/descontração nas práticas diárias comunicativas é natural que os falantes da área rurbana façam uso de uma variedade com marcas descontínuas também, já que esses falantes representam as áreas periféricas das grandes cidades.

De acordo com Calvet (2002),

A cidade é o lugar por excelência dos contatos entre as línguas. A urbanização e as migrações, efetivamente, fazem convergir para as grandes cidades grupos de falantes que chegam com suas línguas e, desse modo, criando plurilinguismo, em vez de se assimilarem à língua dominante. (CALVET, 2002, p. 54)

Bortoni-Ricardo (2004) afirma que nas relações entre os falantes das variedades linguísticas não existem limites exatos para delimitar o início e término, por isso a ideia de um contínuo, pois essas relações sociocomunicativas acabam sendo flexíveis ao ponto de aproximar falantes da área urbana com os falantes da zona rural, criando a zona rurbarana.

Apresentando uma distância de 18 km entre as escolas em que apresenta um difícil acesso entre as áreas rurais e urbanas, nota-se que os falantes rurais no município de Penedo preservam o uso de sua variedade linguística, até porque na escola da zona rural, os alunos permanecem até o 9º Ano do Ensino Fundamental e migram para a zona urbana para concluírem o Ensino Médio. Nesse contexto, os alunos falantes da variedade rural passam a ter um contato maior com a variedade urbana e, na sala de aula, a aproximação com os falantes da variedade padronizada do PB, que os tornem competentes no uso de sua língua.

Dessa maneira, um trabalho em sala de aula poderá favorecer, já em território rural, melhor compreensão das formas de falar existentes, já que é papel da escola favorecer o contato com outras variedades para, com isso, oportunizar a ampliação da competência linguística dos falantes.

Sobre isso, compactuamos com Cyranka (2015) quando alega que, em se tratando desse contínuo de urbanização, o professor em sala de aula precisa trabalhar numa perspectiva de educação sociolinguística, trabalhando com gêneros textuais que estejam próximos da realidade desses falantes tanto da variedade urbana quanto da rural. Para isso, propomos a seguir trabalhar como o que postulado pela autora.

4 O GÊNERO TEXTUAL CORDEL EM SALA DE AULA

É necessário levar para a sala de aula o cordel por se tratar de um gênero que apresenta características que são reflexo das práticas socioculturais no Brasil, trazendo, em suas estrofes, marcas dos falares rurais e urbanos, em especial, o nordestino, que usamos como variável nesta pesquisa.

O trabalho com o gênero cordel, além de contribuir para o processo de quebra de ideologia sobre a variação linguística, para a mudança de pensamento de que na língua existe o certo e errado, poderemos afirmar as questões identitárias, visto que as marcas presentes no gênero textual cordel representam uma variedade popular nordestina.

Assim sendo, apresentamos, na próxima subseção, a proposta de trabalho fundamentada na linha metodológica proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) de trabalhar o gênero com o auxílio da sequência didática.

Para tanto, fundamentamo-nos também em Marcuschi (2003) e Bakhtin (2003) com relação aos conceitos de gênero textual, identificado como um produto textual gerado das relações comunicativas do dia a dia e das práticas sociointeracionais.

4.1 A Sequência Didática como Proposta para Trabalhar o Gênero Textual Cordel

A escolha por trabalhar com a sequência didática (SD) nesta pesquisa parte da necessidade de desenvolver nos alunos, como também nos professores de Língua Portuguesa, o interesse pelo gênero textual cordel, uma vez que ele engloba não só a cultura popular desses alunos, como também as marcas de uma identidade linguística pertinente dos falantes envolvidos nesta pesquisa.

O intuito é trabalhar com uma metodologia em sala de aula que envolva o gênero textual cordel, mesmo não tendo o mesmo índice positivo de aceitação em relação aos demais gêneros textuais que são trabalhados no âmbito escolar a partir dos dados levantados na pesquisa, de maneira a não distanciar, mas, sim aproximar os alunos do gênero cordel, pois é necessário levar em consideração as interações sociais do aluno e contextualizar esses gêneros à realidade deles.

Para começar nossa discussão, importa definir o que são gêneros textuais. Na concepção de Bakhtin (2003),

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e

pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional.[...] Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seu tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2003, p. 261-262).

O que é corroborado por Marcuschi (2003) quando diz que;

[..] Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. [...] Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, batepapo por computador, aulas virtuais e assim por diante. (MARCUSCHI, 2003, p. 22-3).

No caso dos gêneros textuais, esses partem de textos que, ao contrário dos tipos textuais, não seguem à risca as principais características como, por exemplo, os gêneros irão divergir nas estruturas, isto porque cada gênero textual possui sua própria estrutura que vai desde um simples bilhete até cordel. Quando falamos em gêneros textuais, falamos das possibilidades de traduzirem o dia a dia das práticas sociocomunicativas.

Bakhtin (2003) acrescenta a importância da ampliação no conhecimento dos gêneros textuais e seu domínio, buscando fazer uma ponte entre a escrita do gênero com as práticas relacionais sociais do dia a dia.

Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso. (BAKHTIN, 2003, p. 285).

Ao trabalhar com gêneros textuais em sala de aula, é preciso que se tenha cautela em relação às práticas didáticas escolhidas pelo professor para desenvolver as leituras e, por conseguinte, as interpretações dos gêneros textuais, para que não aconteça fuga de objetividade do que se esperava trabalhar com os alunos.

Para buscar um aperfeiçoamento na maneira de se trabalhar com os diversos gêneros textuais, iremos nos embasar na proposta de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004,), ou seja, trabalharemos com Sequências didáticas, que os autores definem como:

O procedimento sequência didática é um conjunto de atividades pedagógicas organizadas, de maneira sistemática, com base em um gênero textual. Estas têm o objetivo de dar acesso aos alunos a práticas de linguagens tipificadas, ou seja, de ajudá-los a dominar os diversos gêneros textuais que permeiam nossa vida em sociedade, preparando-os para saberem usar a língua nas mais variadas situações sociais, oferecendo-lhes instrumentos eficazes para melhorar suas capacidades de ler e escrever. (DOLZ, NOVERRAZ E SCHNEUWLY, 2004, p. 180)

Assim, a Sequência Didática (SD) se utiliza dos gêneros textuais para desenvolver formas dinâmicas e flexíveis para trabalhar em sala de aula, ao mesmo tempo que prepara o aluno para inserção no meio social, tornando-o apto para as mais diversas interações sociais.

O professor pode recorrer ao uso desta ferramenta didática para que, dessa forma tipificada, os alunos possam compreender, conhecer, interpretar, produzir e viver um gênero textual que está tão próximo da sua realidade e, ao mesmo tempo, torna-se distante por não ser trabalhado com mais frequência na escola.

A seguir, a figura 4 traz o esquema proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004):

Figura 4 - Esquema da Sequência Didática



Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

A estrutura da Sequência Didática (SD), partindo da perspectiva apontada por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) é composta, inicialmente, pela apresentação da situação que é o momento em que o professor faz uma breve apresentação sobre o gênero trabalhado em sala de aula, mas, neste momento, evitando explicar a estrutura ou as características do gênero textual.

Logo na sequência vem a produção inicial, em que se escreve uma primeira produção no gênero estudado. No caso desta pesquisa, como trabalhamos com o gênero textual cordel, foi, para muitos alunos, o primeiro contato com esse gênero textual em sala de aula. O objetivo não foi trabalhar o cordel como texto literário e, sim, como um objeto de análise

linguística para trabalhar a variação. Os alunos produziram uma estrofe inicial de cordel para que pudéssemos dar continuidade à aplicação da SD.

A aplicação dos módulos I, II e III é de atividades desenvolvidas com o objetivo de sanar as maiores dificuldades apresentadas na produção inicial. Por fim, a produção final conta com uma nova produção do gênero, a qual, na presente pesquisa, tornou possível realizar a comparação do início da aplicação da SD até o final e fazer um levantamento da ocorrência de mudanças no comportamento dos alunos em relação ao gênero escolhido e se a forma como foi trabalhada a variação linguística associada ao cordel foi suficiente para gerar uma aceitação por parte da escola e dos alunos.

4.2 A Efetivação do Trabalho nas Escolas de Penedo

4.2.1 Apresentação da situação (AS)

O primeiro passo da SD é apresentação da situação, isto é, deixar os alunos situados sobre o que vai ser trabalhado em sala de aula, apresentar o cronograma para o desenvolvimento do projeto comunicativo. Como já apontamos, as escolas envolvidas estão situadas no município de Penedo. O foco do trabalho são as práticas didáticas que estão atreladas com o gênero textual cordel e que envolvem a variação linguística no âmbito escolar, partindo de um reflexo externo presente nas relações sociointeracionais.

Neste momento da Apresentação da Situação (AS), os alunos tiveram um momento introdutório sobre o Cordel no Brasil, desde seu surgimento na Europa e a vinda para o território brasileiro. Além de relatar a estreita relação do gênero textual Cordel com a cultura popular, enfatizou-se a presença marcante do nordestino nos versos rimados. Esse ponto foi o que trouxe mais curiosidade para os alunos, pois eles começaram a olhar para o cordel como um objeto materializado das práticas sociocomunicativas, a presença da oralidade do nordestino e na escrita, com isso levando ao ponto chave da pesquisa que é a variação linguística.

Nas figuras a seguir podemos observar o momento em que aconteceu a parte inicial da sequência didática nas duas escolas:

Figura 5 - Alunos da escola da Zona Rural participando da apresentação da situação referente à aplicação da SD.



Fonte: Autor (2019).

Figura 6 - Alunos da escola da Zona Urbana participando da apresentação da situação referente à aplicação da SD.



Fonte: Autor (2019).

O último passo da AS foi mostrar aos alunos a importância de trabalhar com o gênero cordel s em sala de aula, relacionando isso ao seu próprio dia a dia, , por ser um texto com o qual os alunos têm uma relação estreita, devido às características que nele presentes, assim, os alunos fazem parte do contexto que está sendo trabalhado no cordel.

4.2.2 Produção inicial

A produção inicial contou com a participação dos alunos do 8º e 9º Ano do Ensino Fundamental II, das escolas da zona rural e zona urbana do município Penedo-Alagoas. As turmas comportando um total de 65 (sessenta e cinco) sendo o 8º Ano do Ensino Fundamental II com 32 alunos e 33 alunos na turma do 9º Ano na escola da zona rural e 26 (vinte e seis) na

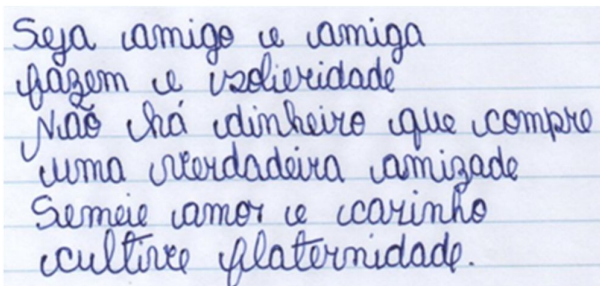
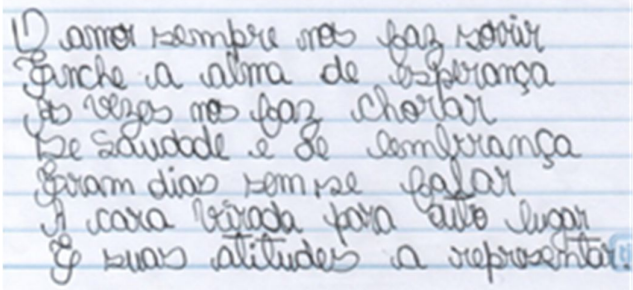
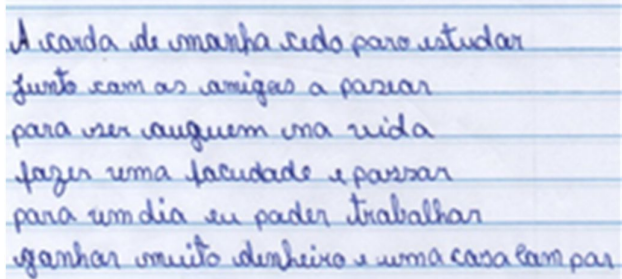
zona urbana sendo 12 alunos do 8º Ano e 14 alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental II da escola da zona urbana.

Foi realizada uma produção do gênero textual cordel com os alunos da escola da zona rural no dia 04 de Outubro de 2018, com 65 (sessenta e cinco) alunos. Nessa produção do cordel, os alunos deveriam produzir os textos já com o entendimento em relação à estrutura do gênero, pois como o objetivo não era propriamente a produção do cordel como texto literário, mas como um instrumento para que se pudesse analisar os aspectos linguísticos referentes à variação linguística.

Desse modo, os alunos tiveram que produzir apenas uma estrofe em sextilha, sendo que nesses versos seriam analisados além dos aspectos linguísticos a presença ou não da rima na terminação de cada verso.

A seguir, exemplos de estrofes produzidas pelos alunos da escola da zona rural:

Quadro 3 - Produções Iniciais / Escola Zona Rural - Sequência Didática

Aluno A	 Seja amigo e amiga fazem e solidiedade Não há dinheiro que comprou uma verdadeira amizade Semeie amor e carinho culture fraternidade.
Aluno B	 O amor sempre nos faz sorrir Tirar a alma de esperança As vezes nos faz chorar De saudade e de saudade Poram dias sem se falar A casa vazia para auto lugar E suas atitudes a representar.
Aluno C	 A cada manhã cedo para estudar junto com as amigas a passar para ver qualquer uma vida fazer uma faculdade e passar para um dia eu poder trabalhar ganhar muito dinheiro e uma casa sem par.

Aluno D

Gosto muito da minha família
 dela eu vou cuidar e zelar,
 família é uma coisa sagrada
 tudo que eu fazer por ela é pra melhorar,
 pela minha família eu tenho paixão
 e todos estão dentro do meu coração.

Aluno E

futebol
 futebol é minha paixão futebol
 mora aqui no meu coração
 eu gosto muito dessa profissão
 essa é a profissão de todos os
 amigos futebol é toda paixão
 futebol para nós é emoção

Aluno F

A escola é um bom lugar
 um lugar que eu quero estar
 Educação de qualidade
 Tem que ter muitas vontade
 Para poder estudar
 Professores de verdade pra poder ensinar

Fonte: Autor (2019).

Ao analisar as produções iniciais dos alunos da escola da zona rural, podemos perceber que em quase todas as produções encontramos a presença da variação linguística, cabe analisar se realmente trata-se da variedade popular nordestina.

Na figura que apresenta a produção inicial dos alunos A e B, observa-se que não fizeram uso da variedade popular nordestina em seus cordéis, assim fazendo uso da variedade padrão do PB. No entanto, o aluno C realiza a supressão de um fonema, marca da oralidade e traço gradual muito comum no falar do PB. Podemos notar que na escrita se exclui um

fonema /l/, “faculdade”, mas o campo semântico da palavra “faculdade” permanece o mesmo, assim o entendimento entre os falantes situados na zona rural e área urbana não é prejudicado.

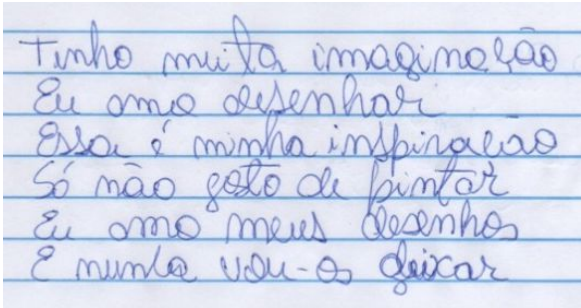
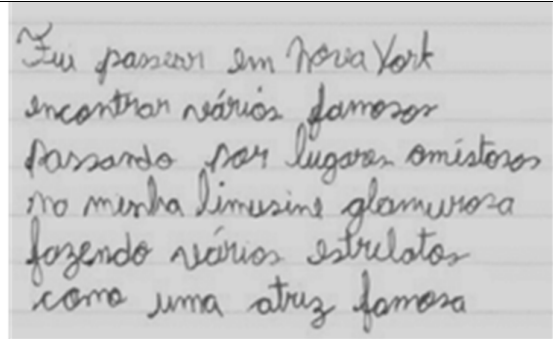
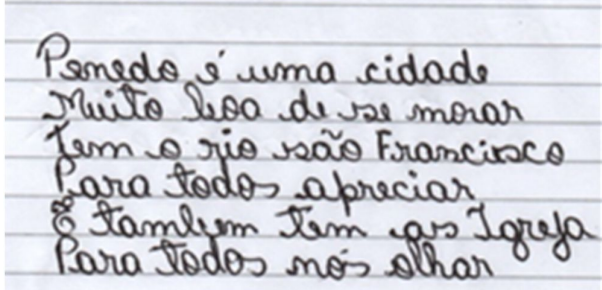
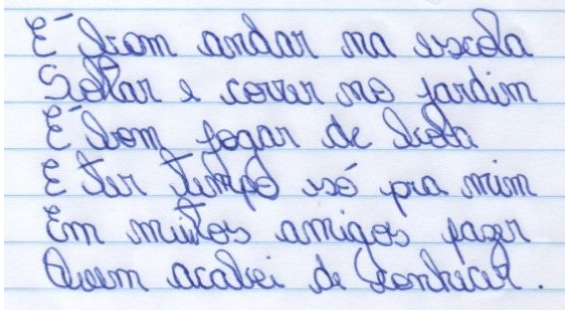
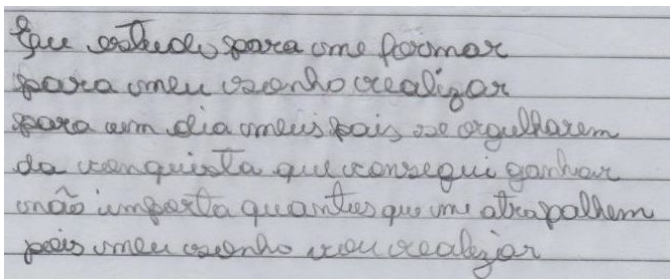
O aluno D, em seu cordel, apresenta uma falha morfológica, ou seja, faz uso popular do verbo no infinitivo, neste caso, o verbo fazer “tudo que eu fazer por ela”, ao invés de “tudo que eu fizer por ela”. Dessa forma, podemos entender que ele faz uso de uma linguagem mais informal, essa variedade que está presente na oralidade passa a ser representada na escrita e esse aluno, estando no âmbito escolar, precisaria fazer uso padrão do PB.

Nos versos do cordel escrito pelo aluno E, fica visível o traço gradual, quando faz uso da contração da preposição “em” mais o artigo “o”, assim recebendo uma influência da fala na escrita sendo representada por “nu”; o uso do pronome reto “nós” ocorre uma marca gradual presente na língua falada do PB, assim apontada pela autora Bortoni-Ricardo (2004), já que ocorre o alçamento da vogal “o”.

No caso do aluno F, vemos marcas descontínuas, como é apresentado por Bortoni-Ricardo (2004) em que os falantes estão numa área urbana, bem próximos da marcação da zona rural na representação do contínuo. O aluno utilizou na escrita traços que se assemelham aos usados por Patativa do Assaré em colocar no cordel palavras com esses traços descontínuos, como em “luga”.

Depois de analisarmos as produções iniciais da escola da zona rural, apresentamos os resultados da zona urbana, cujas produções iniciais aconteceram no dia 28 de Janeiro de 2019 com os alunos das turmas do 8º e 9º Ano do Ensino Fundamental II. A tabela 4 mostra as produções iniciais desses alunos, partindo da mesma metodologia aplicada com os alunos da escola da zona rural.

Quadro 4 - Produções Iniciais / Escola Zona Urbana – Sequência Didática

Aluno G	 Tenho muita imaginação Eu amo desenhar Essa é minha inspiração Só não gosto de pintar Eu amo meus desenhos E nunca vou-os deixar
Aluno H	 Fui passear em Nova York encontrar vários famosos passando por lugares misteriosos no minha limusine glamorosa fazendo vários estralatos como uma atriz famosa
Aluno I	 Penedo é uma cidade Muito boa de se morar Tem o rio São Francisco Para todos apreciar E também tem as lagoas Para todos nós olhar
Aluno J	 E sem andar na areia Soltar e covar no jardim E sem fogar de festa E ter tempo só pra mim Em muitos amigos fazer Quem acabei de conhecer.
Aluno L	 Que estude para me formar para meu sonho realizar para um dia meus pais se orgulharem da conquista que consegui ganhar não importa quantos que me atrapalhem para meu sonho vou realizar

Aluno K

Desde pequena meu sonho é ser jogador,
trocar qualquer coisa para fazer,
um gol, futebol e minha vida,
temos que jogar com garra força e abiga
na minha vida existe um sonho
sonho de entra e ser um dos melhores.

Fonte: Autor (2019).

Observando as produções iniciais dos alunos da escola da zona urbana, podemos perceber que os seis alunos demonstraram certo domínio da variedade urbana, como citado por Bortoni-Ricardo (2004). Mesmo situados numa área urbana que sofre grande influência da variedade rural, os alunos se atentam ao uso da variedade padrão do PB, pois ela é cobrada tanto no âmbito escolar como também nas práticas sociointeracionais mais formais.

Nota-se, pelos exemplos, que não há marcas descontínuas em nenhuma das produções, ou seja, não houve ausência de concordância verbal, troca de /l/ por /r/, de /lh/ por /i/ entre outros aspectos.

4.2.3 Aplicação dos módulos I, II e II

Os módulos foram à realização de atividades no sentido de trabalhar as dificuldades que os alunos apresentaram durante a produção inicial do gênero textual cordel nas duas escolas.

No módulo I, os alunos participaram de um momento de análise das variedades popular nordestina e padrão do PB. Esse momento foi o primeiro depois da produção inicial, os alunos passariam a ser instigados a perceber as práticas sociointeracionais que têm grande influência na elaboração dos folhetos.

O módulo I, foi aplicado inicialmente na escola da zona rural nas turmas do 8º e 9º Ano do Ensino Fundamental II no dia 11 de Outubro de 2018 e serviu de espelho para o comportamento dos alunos da escola da zona urbana que só foi aplicado no dia 30 de Janeiro de 2019 por motivo do calendário escolar. Devido à localização das escolas uma na zona rural e outra na zona urbana os levantamentos do módulo I mostraram aspectos diretamente ligados à variedade popular nordestina.

Para realização das análises foram distribuídas cópias com o cordel impresso do autor Patativa do Assaré e o cordel “Boi zebu e as formigas” de Patativa do Assaré⁴ (2005).

Quadro 5 - Analisando os traços da variedade popular nordestina.

ESCOLA ZONA RURAL	ESCOLA ZONA URBANA
O boi zebu e as formigas Um boi zebu certa vez Moiadinho de suó, Querem saber o que ele fez Temendo o calor do só Entendeu de demorá E uns minuto cuchilá Na sombra de um juazêro Que havia dentro da mata E firmou as quatro pata Em riba de um formiguêro.	Tanta formiga chegou Que a terra ali ficou cheia Formiga de toda cô Preta, amarela e vermêa No boi zebu se espaiando Cutucando e pinicando Aqui e ali tinha um moio E ele com grande fadiga Pruquê já tinha formiga Até por dentro dos ôio.
O boi zebu e as formigas Um boi zebu certa vez Moiadinho de suó, Querem saber o que ele fez Temendo o calor do só Entendeu de demorá E uns minuto cuchilá Na sombra de um juazêro Que havia dentro da mata E firmou as quatro pata Em riba de um formiguêro.	Com a feição de guerrêra Uma formiga animada Gritou para as companhêra: Vamo minhas camarada Acaba com os capricho Deste ignorante bicho Com a nossa força comum Defendendo o formiguêro Nos somos muitos miêro E este zebu é só um.

Fonte: Autor (2019).

Numa breve comparação, pode-se constatar que os alunos da COOPEPE conseguiram identificar com mais precisão as palavras que estão representadas pela variedade popular nordestina no gênero textual cordel, um dos motivos pelo qual isso venha acontecer justificasse pelo uso diário da variedade padrão do PB, seja no âmbito escolar como também nas interações sociocomunicativas na zona urbana.

4 ASSARÉ, Patativa. **Ispinho e Fulô – Coleção de Literatura Popular**. São Paulo: Hedra, 2005.

No caso dos alunos da escola EMEBCTR, ficou visível que alguns termos passaram despercebidos na análise da variedade linguística, para esses alunos a forma escrita considera-se certa por estar com o mesmo sentido da palavra pronunciada na oralidade, como foi o caso das palavras "demorá, suó, cuchilá, formiguêro e juazêro" que recebem os traços morfossintáticos implícitos na variedade popular nordestina.

Apresentamos a seguir algumas imagens da aplicação do módulo I por meio da análise dos traços morfossintáticos no gênero textual cordel na escola da zona rural e urbana:

Figura 7 - Alunos das turmas do 8º e 9º Ano do Ensino Fundamental II da escola da Zona Rural - Módulo I



Fonte: Autor (2019).

Figura 8 - Alunos das turmas do 8º e 9º Ano do Ensino Fundamental II da escola da Zona Urbana - Módulo I



Fonte: Autor (2019).

No módulo II, foi trabalhado em sala de aula o cordel “Cante de lá que eu Canto de cá” do autor Patativa do Assaré⁵ (1992), cordelista brasileiro e nordestino que fazia uso da variedade popular em seus versos, como podemos ver a seguir:

Cante de lá que eu Canto de cá

Poeta, cantô de rua,
Que na cidade nasceu,
Cante a cidade que é sua,
Que eu canto o sertão que é meu.

Se aí você teve estudo,
Aqui, Deus me ensinou tudo,
Sem de livro precisá
Por favô, não mêxa aqui,
Que eu também não mexo aí,
Cante lá, que eu canto cá.

Você teve inducacão,
Aprendeu munta ciença,
Mas das coisa do sertão
Não tem boa esperiença.
Nunca fez uma paioça,
Nunca trabaiou na roça,
Não pode conhecê bem,
Pois nesta penosa vida,
Só quem provou da comida
Sabe o gosto que ela tem.

(...)

(grifos nossos)

⁵ ASSARÉ, Patativa. **Cante lá que eu canto cá: Filosofia de um trovador nordestino**. 8. ed., Petrópolis: Vozes ; Crato: Fundação Pe. Ibiapina, 1992. p. 25-29.

O cordel conta com dezoito estrofes todos em décima, ou seja, com dez versos. Porque a escolha desse cordel? Uma pergunta relevante, mas basta olharmos para a escrita desse cordel e será perceptível a presença da variedade popular nordestina nos versos. Partindo da perspectiva das variedades existentes no Nordeste, foi realizada uma leitura compartilhada do cordel em sala de aula com as turmas envolvidas nessa pesquisa e logo em seguida discutimos o que até então para muitos era classificado como errado: os termos da variedade popular nordestina.

O trabalho é árduo, pois precisa desmitificar o certo e errado no PB, quando relacionados às variedades linguísticas. À medida que iam sendo apresentados os traços lexicais e morfossintáticos, os alunos notavam que muitos dos termos eram bem próximos da realidade, pois justificavam que alguém na família falava barrer, avexe, trabaiá e entre outras palavras do léxico do nordestino.

No módulo III, foi realizada uma prática de adaptação de textos didáticos em cordéis. No momento inicial, os alunos tiveram acesso à obra “O Pequeno Príncipe” do autor Josué Limeira (2017), que adaptou toda a obra original em cordel, fazendo uso inclusive de imagens similares as dos cordéis que eram denominadas xilogravuras e para esse momento os alunos tiveram que adaptar textos literários presentes em seus livros didáticos para o gênero textual cordel, deixando-os à vontade para utilizarem as variedades padrão do PB ou variedade popular nordestina, pois no cordel temos essa versatilidade no uso das variedades. Como podemos observar nas imagens a seguir:

Figura 9 - Alunos das turmas do 8º e 9º Ano do Ensino Fundamental II das escolas da zona rural e urbana, realizando adaptações de textos didáticos em gênero textual cordel.



Fonte: Autor (2019).

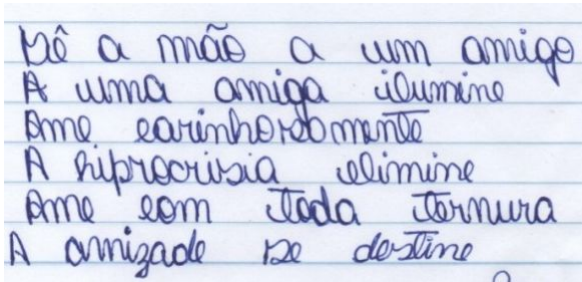
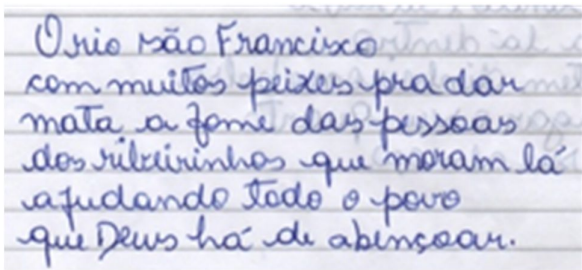
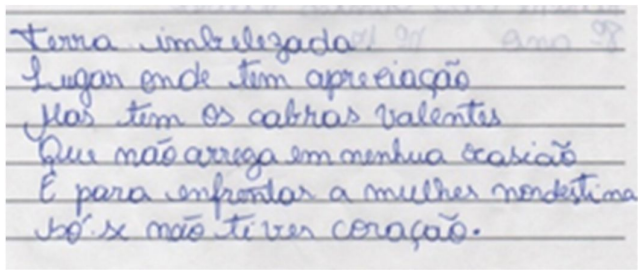
Foi realizada uma comparação da obra original com a que foi adaptada em cordel e os alunos acharam interessante, pois eles não imaginavam que essas adaptações poderiam dar

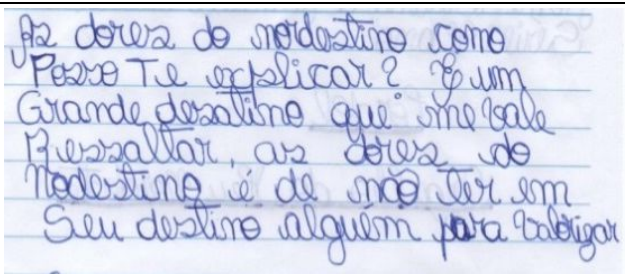
certo, e, nessa comparação, puderam notar que a linguagem continuou sendo a variedade padrão do PB. Entretanto, para firmar a importância e a legitimidade de ambas as variedades, criamos uma versão, de forma compartilhada pelos alunos, de um trecho da obra na variedade popular nordestina, ou seja, realizamos uma adaptação da própria adaptação em que os alunos fizeram uso de traços da variedade popular nos versos do cordel.

4.2.4 Produção final

Na produção final da sequência didática, foi solicitado aos alunos que fizessem mais uma produção do gênero textual cordel para que assim pudesse ser feita uma comparação e ao mesmo tempo, um levantamento da eficácia da prática da SD como instrumento didático para desenvolver a aprendizagem dos alunos no que se refere aos aspectos linguísticos, como a variação linguística.

Quadro 6 - Produções Finais das Escolas da Zona Rural e Urbana

Aluno L	 Mô a mão a um amigo A uma amiga ilumine Pme carinhosamente A hipocrisia elimine Pme com toda ternura A amizade se destine
Aluno M	 O rio São Francisco com muitos peixes pra dar matar a fome das pessoas dos ribeirinhos que moram lá afudando todo o povo que Deus há de abençoar.
Aluno N	 Terra imbelizada Lugar onde tem apreensão Mas tem os cabras valentes Que não arrega em nenhuma ocasião É para enfrentar a mulher nordestina Jó se não tiver coração.

Aluno O	
---------	--

Fonte: Autor (2019).

No geral, os alunos mostraram um avanço nas produções textuais, principalmente quando colocadas em práticas às variedades popular nordestina e variedade padrão. No entanto, os alunos da escola da zona urbana apresentaram domínio maior da variedade padrão, assim podemos associar ao cotidiano desses alunos que participam de relações socioculturais permeadas pela variedade urbana com mais frequência que alunos da zona rural.

As produções finais dos alunos L, M e O apresentam variedade padrão do PB, certamente os módulos contribuíram para sanar as dificuldades apresentadas nas produções iniciais. O aluno N, no terceiro verso usou o termo “cabras” com sentido de homens valentes, o qual faz parte do léxico do nordestino e o aluno inseriu o termo no verso de maneira coerente ao que diz respeito o campo semântico dessa variedade popular.

Um resultado importante deste trabalho: os cordéis dos alunos M e O foram selecionados, com o auxílio da professora de Língua Portuguesa, da escola Zona Rural, para representar a escola no III Concurso de Produção de Texto da Secretária Municipal de Penedo, no ano de 2018, na categoria Cordel.

Outro ponto importante do trabalho foi fazer os alunos entenderem que não precisam excluir sua variedade linguística identitária, mas é necessário que façam uso dela nos espaços adequados, e que podem ser proficientes na língua e saber utilizar, adequadamente, as variedades ideais para cada interação. Entretanto, deixamos claro que a escola é um dos espaços em que o aluno precisa aprender a dominar a variedade padrão do PB, já que essa é a variedade cobrada nas interações sociais fora do âmbito escolar.

4.2.5 Discussão: a inserção do gênero textual cordel em sala de aula

Inicialmente, para trabalhar com o gênero textual cordel em sala de aula é preciso que ocorra sua inclusão de forma aceitável por parte dos alunos e também da escola. Vale

ressaltar a importância de trabalhar esse gênero textual em sala de aula por ter uma grande representatividade cultural do nordestino presente em seus versos. Além de poder trabalhar o campo literário, o cordel proporciona análises no âmbito linguístico, como é o caso da variação linguística.

Uma das práticas desenvolvidas nessa SD foi adaptar textos literários ou não literários em cordel, pois acreditamos que, trabalhando com uma obra em cordel e a original, o professor pode estabelecer ligações estreitas ou apresentar para os alunos se há distanciamento entre as obras, além de o próprio aluno adaptar textos literários em cordel com a variedade popular nordestina, ou seja, a variedade usada pelos falantes de zonas rurais como os falantes da zona urbana, para que, dessa forma, possa ser estabelecida uma comparação entre as obras originais e adaptadas em cordel com traços, respectivamente, padrão do PB e variedade popular nordestina.

Como apontam Pinheiro e Marinho (2012);

As adaptações para versos – em folhetos ou versos em livros – vêm ganhando força neste início do século XXI. Curiosamente, na primeira metade do século passado houve uma produção significativa de adaptações de romances para o cordel, folhetos como *Romance do Conde de Monte-Cristo*, de José Costa Leite, *História de escrava Isaura*, de Silvino Pereira da Silva e *Os martírios de Jorge e Carolina*, que narra a história do romance *A viuvinha*, de José de Alencar. (PINHEIRO E MARINHO, 2012, p. 116-117)

Além disso, no século XXI, com a globalização, o cordel saiu dos simples folhetos e passou a ser comercializado em formato de livros, como as adaptações de obras de romance. É bem provável que essas adaptações venham numa variedade padrão do PB, mas o professor pode trabalhar a adaptação de uma adaptação, ou seja, adequar essas obras numa variedade popular nordestina e com a presença do léxico nordestino. Esse trabalho em sala de aula contribuirá para a valorização da variedade popular que por muitas vezes acaba sendo estigmatizada, assim os alunos irão perceber a importância do uso da variedade padrão por uma questão de parâmetros sociais, além do uso em ambientes apropriados para o uso da variedade popular.

A aceitação dos alunos parte da didática que o professor vai utilizar ao trabalhar o gênero textual cordel em sala de aula. Numa perspectiva de trabalhar com adaptações, os alunos podem desenvolver, ao final das atividades elaboradas, uma culminância na própria escola e ilustrar na oralidade os traços da variedade popular nordestina que foram incluídas na obra literária, como fizemos em nossa atividade nas escolas analisadas.

A seguir os alunos das escolas citadas na SD finalizam com uma apresentação da obra que foi adaptada em cordel.

Figura 10 - Apresentação das obras literárias adaptadas em cordel – Auto da Compadecida e Chapeuzinho Vermelho



Fonte: Autor (2019).

Ainda de acordo com Pinheiro e Marinho (2012, p. 118) o cordel vem ganhando espaço nas escolas através das adaptações das obras literárias como os contos e fábulas para um público da literatura infantil como, por exemplo, a obra “Chapeuzinho Vermelho e Pinóquio” entre outras adaptadas pelo autor Manoel Monteiro. Levando em consideração esse recurso e para despertar o interesse pelo gênero textual cordel nos alunos desde as séries iniciais. As turmas envolvidas na pesquisa apresentaram as obras “Chapeuzinho Vermelho e O Auto da Compadecida” em suas respectivas escolas para os alunos das outras turmas e o retorno foi positivo.

Sendo assim, é de grande relevância trabalhar com a sequência didática em sala de aula, pois com o uso desse instrumento pedagógico o professor tem a possibilidade de trabalhar com uma diversidade de gêneros textuais, seja para ampliação do conhecimento dos alunos ou para a aproximação de determinado gênero, como foi o caso do cordel.

Ao trabalhar o cordel em sala de aula foi possível perceber as práticas sociointeracionais no processo de ensino/aprendizagem, ou seja, reflexos dessas práticas sociocomunicativas presentes por meio da variedade popular e padrão do PB no cordel e com isso o professor pode recorrer a esse mecanismo para trabalhar a variação linguística no âmbito escolar sem haja estranhamento por parte dos alunos, até porque esse gênero tem uma relação estreita com os alunos da zona rural ou da área rurbana, com as variedades tanto na oralidade quanto na escrita do gênero trabalhado em sala de aula.

E através da SD podemos aplicar os estudos acerca da variação linguística para que se tenha ou se almeje um retorno positivo ao ponto de vista da perspectiva da sociolinguística educacional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao falar no gênero textual cordel, fazemos uma ligação direta com a literatura popular e, muito mais que isso, é um gênero textual que carrega em seus versos a cultura de um povo, seja por meio de uma variedade linguística popular e ou da variedade padrão do PB. As contribuições que esse gênero pode trazer no âmbito escolar foram vivenciadas nas práticas elaboradas nas escolas envolvidas na pesquisa.

Trazer o contexto histórico foi importante para a compreensão dos alunos sobre o surgimento do cordel no Brasil, e quais os fatores influenciaram para a apropriação da variedade nordestina por parte do cordel. Nesse gênero, é possível analisar a presença das vozes daqueles nordestinos que não tiveram acesso à escola, condições melhores de vida, que retratam a seca, a fome, e que fazem críticas aos governantes.

Vimos que os gêneros textuais são as representações comunicativas das relações sociais e que refletem o cotidiano do sujeito presente nas práticas sociointeracionais, as quais fizeram uma relação do gênero textual cordel com os falantes nordestinos.

Ao longo da pesquisa, foi possível observar as propostas para trabalhar o gênero cordel em sala de aula no aspecto linguístico, ou seja, buscando estudar a influência da oralidade na escrita e de que forma essa influência implicaria no ensino de língua portuguesa. Essa questão foi respondida durante os dados e análises realizadas, pois mostramos a importância de conhecer os traços existentes na fala dos nordestinos, sua presença no cordel, para, então, levá-lo como um gênero de relevância para se estudar na escola.

Com isso, partimos de uma análise por meio do contínuo de urbanização proposto do Bortoni-Ricardo (2004), uma vez que as escolas participantes da pesquisa localizam-se, respectivamente, na zona rural e urbana de Penedo/AL. No contínuo de urbanização, identificamos nos cordéis os traços linguísticos da variedade popular situado na área rural, os traços graduais presentes na expressão de falantes situados nas áreas rurba e, por fim, os traços linguísticos padrão do PB presentes nos cordéis que representam falantes situados na área urbana.

Em relação ao preconceito linguístico, mostramos a importância de se trabalhar com gêneros escolhidos numa perspectiva de proximidade com a realidade dos alunos para, assim, desmistificar os conceitos ideológicos de que a variedade popular é errada. Tendo essa consciência, apresentamos o cordel como um material didático em sala de aula, atrelando essa inclusão com a sequência didática.

A escola não precisa fazer com que o aluno exclua sua variedade popular, pois faz parte da sua construção social, mas precisa mostrar para esse aluno que é possível ampliar seus conhecimentos a respeito das variedades existentes no PB, visto que é uma língua heterogênea, e saber fazer o uso adequado a cada ambiente, sendo coerente a cada variedade linguística.

Ao se trabalhar com o cordel por meio de SD, a pesquisa alcançou o objetivo de levar para o aluno um gênero textual que pudesse ser mais que um texto literário, e proporcionasse uma ampliação da capacidade interacional do aluno, oportunizando a compreensão dos traços da oralidade presentes na escrita que o fazem do cordel um gênero diferenciado, além de trabalhar questões ligadas à variação linguística inerente a todas as línguas.

A pesquisa contribuiu de forma positiva no âmbito escolar, pois os objetivos foram alcançados fazendo com que os alunos passassem a ter um novo olhar diante do gênero textual cordel no processo em que era trabalhado em sala de aula questões relacionadas a variação linguística com a possibilidade da variedade popular ou padrão do Português Brasileiro no Cordel, como também o preconceito linguístico no âmbito escolar com esse gênero textual, além da inclusão desse gênero textual como um material didático para sala de aula. Sendo assim, foi trabalhado com os alunos as variedades popular e padrão do PB, por meio dos cordéis, ou seja, o falar do nordestino da zona rural e urbana presente na escrita. No final da sequência didática que foi aplicada nas escolas, também propomos uma apresentação de um cordel adaptando-o na variedade popular nordestina em que os alunos encenaram de forma cantada. Além desse trabalho, os alunos puderam expor seus cordéis adaptados da variedade popular em um varal nos corredores das escolas.

O professor precisa fazer do aluno um cidadão proficiente na sua própria língua, sabendo fazer uso das variedades linguísticas. Uma forma para ter êxito neste sentido é o trabalho como o gênero textual cordel, como mostramos nesta pesquisa. A relevância deste trabalho, como vimos, também se volta no sentido de que, assim, o cordel passará a ser mais aceito no âmbito escolar. Levando a representação do povo nordestino para o âmbito escolar e, com isso, firmando sua identidade cultural e linguística ainda mais.

Com a pesquisa foi possível observar que o gênero textual cordel possui textos autênticos com a presença de variedades popular e padrão do PB e que a SD pode ser uma ferramenta didática que para auxiliar o trabalho desse gênero no âmbito escolar, assim como foi aplicada nas escolas envolvidas nesta pesquisa.

Sendo assim, fica visível a relevância ao se trabalhar com a variação linguística partindo de um gênero textual que está próximo da realidade dos alunos, ou seja, de suas práticas sociointeracionais. A pesquisa contribuirá como base para futuros trabalhos no meio acadêmico, pois além de todo levantamento bibliográfico e teórico apresentamos neste trabalho a aplicação de uma ferramenta didática proposta com o intuito de tornar eficaz o trabalho com o gênero textual cordel no âmbito escolar.

REFERÊNCIAS

- AMORIN, Marcel Alvaro de. A linguística aplicada e os estudos brasileiros: (inter-) relações teórico-metodológicas. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 17, n.1, p. 1-30, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbla/v17n1/1984-6398-rbla-17-01-00001.pdf>. Acesso em: 17. fev. 2019.
- ASSARÉ, P. **Ispinho e Fulô**. São Paulo: Hedra, 2005. 312 p. (Coleção de Literatura Popular).
- ASSARÉ, P. **Cante lá que eu canto cá**: filosofia de um trovador nordestino. 8. ed. Petrópolis: Vozes ; Crato: Fundação Pe. Ibiapina, 1992.
- BAGNO, M; STUBS, M; GAGNÉ, G. **Língua materna**: letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola, 2002.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007. 240 p.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999. 209 p.
- BAGNO, Marcos. **Sete erros aos quatro ventos**: a variação linguística no ensino de português. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. 190 p.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Ática, 2003. 512 p.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 277-289.
- BARROS, L. G. de. **Viagem ao céu**. Timbaúba, PB: Folhetaria Cordel Editora, 2010. 248 p.
- BATISTA, S. N. **Antologia da literatura de cordel**. [S.l]:Fundação José Augusto, 1977. 80 p.
- BECHARA, E. **Moderna gramática brasileira**: conforme o novo acordo ortográfico. 37. ed. rev. ampl. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 670 p.
- BENTES, Anna; MUSSALIM, Fernanda. **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. v. 1, 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005. 270 p.
- BESSA, B. **Poesia com Rapadura**. Fortaleza: CeNE, 2017. 152 p.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós cheguem na escola, e agora?**: sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005. 110 p.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. 110 p.
- BORTONI-RICARDO, S. M. Subsídios da Sociolinguística educacional. **Revista Educação**, publicação especial, São Paulo, Segmento, n. 2, 2010.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

BORTONI-RICARDO, S. M; ROCHA, M. do R. O ensino de português e variação linguística em sala de aula. *In*: MARTINS, M. A; VIEIRA, S. R; TAVARES, M. A. (Orgs). **Ensino de Português e Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 37-55.

BORTONI-RICARDO, S. M.; FREITAS, V. de L. Sociolinguística Educacional. DERMEVAL, H; ALVES, EF; ESPÍNDOLA, FC. **Revista da Abralín**, v. 40, 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília, 1998.

BOSSI, A. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 404 p.

CASTILHO, A. T. de; VANDA, E. **Pequena gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2002.

CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002. 157 p.

CYRANKA, M. L. F. Avaliação das variantes: atitudes e crenças em sala de aula. *In*: MARTINS, M. A; VIEIRA, S. R; TAVARES, M. A. (Orgs). **Ensino de português e Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 133-155.

CYRANKA, M. L. F. A Pedagogia da Variação Linguística é Possível?. *In*: FARACO, A. C; ZILLES, S. M. A. **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 31-51.

COSTA, L. T. da. **Abordagem dinâmica do rotacismo**. 2011. 173 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Curitiba, 2011.

DOLZ, J; NOVERRAZ, M e SCHNEUWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – seqüências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In*: **Gêneros orais e escritos na escola** / Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de letras, 2004. p. 180 – 181.

DIÉGUES, J. M. **Ciclos temáticos na literatura de cordel**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2012.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

FARACO, C. A. Norma culta brasileira construção e ensino. *In*: FARACO, A. C; ZILLES, S. M. A. **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 247-255.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006. 200 p.

GOOGLE MAPS. [Longitude entre as escolas COOPEPE (Urbana) x EMEBCTR (Rural)]. [2019]. Disponível em:

<<https://www.google.com/maps/dir/Est%C3%A1cio+Penedo,+Tv.+da+Floresta,+154+-+Sr.+do+Bonfim,+Penedo+-+AL,+57200-000/-10.317203,-36.433654/@-10.304406,-36.5317645,11700m/data=!3m2!1e3!4b1!4m9!4m8!1m5!1m1!1s0x704547cc5804921:0x66c5c30d9264e85f!2m2!1d-36.5626395!2d-10.2798732!1m0!3e0>>. Acesso em: 08 fev. 2019.

ITANI, A. Vivendo o preconceito em sala de aula. *In*: AQUINO, J. **Diferenças e preconceito na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998. p. 119-134.

LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos**. Tradução de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 392 p.

LIMEIRA, J. **O pequeno príncipe em cordel**. 2. ed, Recife: Cativar, 2017. 169 p.

LUCCHESI, D. O contato entre línguas na história sociolinguística do Brasil. *In*: VALENTE, André (Orgs). **Unidade de variação linguística na língua portuguesa suas representações**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 80-100.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs). **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2003. 70-90 p.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010. 133 p.

MARTINS, M. A; VIEIRA, S. R; TAVARES, M. A. Contribuições da sociolinguística brasileira para o ensino de português. *In*: MARTINS, M. A; VIEIRA, S. R; TAVARES, M. A. (Orgs). **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 100-150.

MARINHO, C. A; PINHEIRO, H. **O Cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2002. 168 p.

MAXADO, F. **O que é literatura de cordel?**. Rio de Janeiro: Codecri, 1980. 170 p.

MELO, G. C. de. **A língua do Brasil**. 4 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1981. 209 p.

NAVARRO, A. de A. **Dificuldades de aprendizagem**: manual de orientação para pais e professores. São Paulo: Grupo Cultural, 2006. 170 p.

PINHEIRO, H. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012. 168 p.

PERINI, M. A. Efeito do gênero textual. *In*: FULGÊNCIO, L.; LIBERATO Y. **É possível facilitar a leitura**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 149-165.

PETTER, M. Um novo olhar nos estudos do português falado no Brasil. *In*: FIORIN, José Luiz. **Novos caminhos da linguística**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 84-101.

TAVARES, B. **Contando histórias em versos**: poesias e romanceiro popular no Brasil. São Paulo: Ed. 34, 2005. 160 p.

VIEIRA, R. S; FREIRE, C. G. Variação morfossintática e ensino de português. *In*: MARTINS, M. A; VIEIRA, S. R; TAVARES, M. A. (Orgs). **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 83-114.

APÊNDICE A – Solicitação de Autorização para Pesquisa na Escola da Zona Urbana

SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA

Penedo, 22 de Fevereiro de 2019

Eu, Thomaz Santos Lima, sob a matrícula institucional (13113753) responsável principal pela pesquisa intitulada Literatura de Cordel – Uma abordagem da variação linguística no âmbito escolar e sua inclusão como material didático, o qual pertence ao curso de Letras – Licenciatura Plena da Universidade Federal de Alagoas – Campus Arapiraca (UFAL), venho pelo presente, solicitar autorização do Colégio Leonor Gonçalves Peixoto – Cooperativa Educacional de Penedo para a aplicação da pesquisa a respeito da Variação Linguística.

Esta pesquisa está sendo orientada pela Professora Dr^a Eliane Vitorino de Moura Oliveira.

Contando com a autorização desta instituição, colocamo-nos à disposição para qualquer esclarecimento.

Thomaz Santos Lima

3189508-5 SSP/AL

Discente (UFAL)
RG

Hautana

Maria da Conceição S. Ribeiro
Diretora Pedagógica
COLÉGIO LEONOR GONÇALVES PEIXOTO

Diretor (a) Escolar
RG

APÊNDICE B – Solicitação de Autorização para Pesquisa na Escola da Zona Rural

SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA

Penedo, 21 de Fevereiro de 2019

Eu, Thomaz Santos Lima, sob a matrícula institucional (13113753) responsável principal pela pesquisa intitulada Literatura de Cordel – Uma abordagem da variação linguística no âmbito escolar e sua inclusão como material didático, o qual pertence ao curso de Letras – Licenciatura Plena da Universidade Federal de Alagoas – Campus Arapiraca (UFAL), venho pelo presente, solicitar autorização da Escola Municipal de Educação Básica Cônego Teotônio Ribeiro para a aplicação da pesquisa a respeito da Variação Linguística.

Esta pesquisa está sendo orientada pela Professora Dr^a Eliane Vitorino de Moura Oliveira.

Contando com a autorização desta instituição, colocamo-nos à disposição para qualquer esclarecimento.

Thomaz Santos Lima

3189508-5 SSP/AL

Discente (UFAL)
RG

Luciane Firmino dos Santos

Luciane Firmino Santos
MAT : 1583

Diretora Escolar
RG

ANEXO A - Cordel Utilizado na Sequência Didática

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS
ATIVIDADE PARA COLETA DE
DADOS**

**DISCENTE: THOMAZ SANTOS
LIMA**

Nome do Aluno:

Turma:

O boi zebu e as formigas

Um boi zebu certa vez
Moiadinho de suó,
Querem saber o que ele fez
Temendo o calor do só
Entendeu de demorá
E uns minuto cuchilá
Na sombra de um juazêro
Que havia dentro da mata
E firmou as quatro pata
Em riba de um formiguêro.

Já se sabe que a formiga
Cumpre a sua obrigação,
Uma com outra não briga
Veve em perfeita união
Paciente trabaiando
Suas foia carregando
Um grande inzempro revela
Naquele seu vai e vem
E não mexe com mais ninguém

Se ninguém mexe com ela.
Por isso com a chegada
Daquele grande animá
Todas ficaro zangada,
Começou a se açanhá
E foro se reunindo
Nas pernas do boi subindo,
Constantemente a subi,

Mas tão devagá andava
Que no começo não dava
Pra de nada senti.
Mas porém como a formiga
Em todo canto se soca,
Dos casco até a barriga
Começou a frivioca
E no corpo se espaiado
O zebu foi se zangando
E os cascos no chão batia
Ma porém não miorava,
Quanto mais coice ele dava
Mais formiga aparecia.

Com essa formigaria
Tudo picando sem dó,
O lombo do boi ardia
Mais do que na luz do só
E ele zangado as patada,
Mais força incorporava,
O zebu não tava bem,
Quando ele matava cem,
Chegava mais de quinhenta.

Com a feição de guerrêra
 Uma formiga animada
 Gritou para as companhêra:
 Vamo minhas camarada
 Acaba com os capricho
 Deste ignorante bicho
 Com a nossa força comum
 Defendendo o formiguêro
 Nos somos muitos miêro
 E este zebu é só um.

Tanta formiga chegou
 Que a terra ali ficou cheia
 Formiga de toda cô
 Preta, amarela e vermêa
 No boi zebu se espaiando
 Cutucando e pinicando
 Aqui e ali tinha um moio
 E ele com grande fadiga
 Pruquê já tinha formiga
 Até por dentro dos óio.

Com o lombo todo ardendo
 Daquele grande aperreio
 zebu saiu correndo
 Fungando e berrando feio
 E as formiga inocente
 Mostraro pra toda gente
 Esta lição de morá
 Contra a farta de respeito
 Cada um tem seu direito
 Até nas leis da natura.

As formiga a defendê

Sua casa, o formiguêro,
 Botando o boi pra corrê
 Da sombra do juazêro,
 Mostraro nessa lição
 Quanto pode a união;
 Neste meu poema novo
 O boi zebu qué dizê
 Que é os mandão do podê,
 E as formiga é o povo.

Patativa do Assaré⁶

QUESTÃO PARA REFLEXÃO

1. Marcar os traços da variedade linguística popular nordestina presentes no cordel “O boi zebu e as formigas” do autor Patativa do Assaré.

2. No seu ponto de vista e partindo do que foi ministrado na sequência didática as palavras são consideradas:

() Certas

() Erradas

Fonte questões: Autor (2019)

6 ASSARÉ, P. **Ispinho e Fulô** – **Coleção de Literatura Popular**. Editora: Hedra, 2005.

ANEXO B - Cordel para Intervenção após a Sequência Didática

As Proezas de João Grilo**Leandro Gomes de Barros⁷**

João Grilo foi um cristão
que nasceu antes do dia
criou-se sem formosura
mas tinha sabedoria
e morreu depois da hora
pelas artes que fazia.

E nasceu de sete meses
chorou no bucho da mãe
quando ela pegou um gato
ele gritou: não me arranhe
não jogue neste animal
que talvez você não ganhe.

Na noite que João nasceu
houve um eclipse na lua
e detonou um vulcão
que ainda continua
naquela noite correu
um lobisome na rua.

(...)

O rio estava de nado
vinha um vaqueiro de fora
perguntou: dará passagem?
João Grilo disse: inda agora
o gadinho do meu pai
passou com o lombo de fora.

O vaqueiro bota o cavalo
com uma braça deu nado
foi sair já muito embaixo
quase que morre afogado
voltou e disse ao menino:
você é um desgraçado.

João Grilo foi ver o gado
pra provar aquele ato
veio trazendo na frente
um bom rebanho de pato
os pássaros passaram n"água
João provou que era exato.

Um dia a mãe de João Grilo
foi buscar água à tardinha
deixando João Grilo em casa
e quando deu fé, lá vinha
um padre pedindo água
nessa ocasião não tinha

(...)

7 BARROS, L. G. de. **Viagem ao céu**. Timbaúba. Paraíba: Folhetaria cordel editora, 2010.

O padre deu uma popa
disse para o sacristão:
esse menino é o diabo
em figura de cristão!
meteu o dedo na goela
quase vomita um pulmão.

João Grilo ficou sorrindo
pela cilada que fez
dizendo: vou confessar-me
no dia sete do mês
ele nunca confessou-se
foi essa a primeira vez.

João Grilo tinha um costume
pra toda parte que ia
era alegre e satisfeito
no convívio de alegria
João Grilo fazia graça
que todo mundo sorria.

Num dia de sexta-feira
às cinco horas da tarde
João Grilo disse: hoje à noite
eu assombro aquele padre
se ele não perdoar-me
na igreja há novidade.

pegou uma lagartixa
amarrou pelo gogó
botou-a numa caixinha
no bolso do paletó
foi confessar-se João Grilo
com paciência de Jó.

Às sete horas da noite
foi ao confessionário
fez logo o pelo sinal
posto nos pés do vigário
o padre disse: acuse-se;
João disse o necessário.

Eu sou aquele menino
da garapa e do coité;
o padre disse: levante-se
que já sei você quem é;
João tirou a lagartixa
Soltou-a junto do pé.

A largatixa subiu
por debaixo da batina
entrou na perna da calça
tornou-se feia a buzina
o padre meteu os pés
arrebentou a cortina.

Jogou a batina fora
naquela grande fadiga
a lagartixa cascuda
arranhando na barriga
João Grilo de lá gritava:
Seu padre, Deus lhe castiga!

O padre impaciente
naquele turututu
saltava pra todo lado
que parecia um timbu
terminou tirando as calças
ficou o esqueleto nu.

João disse: padre é homem
 pensei que fosse mulher
 anda vestido de saia
 não casa porque não quer
 isso é que é ser caviloso
 cara de matar bebê.

O padre disse João Grilo
 vai-te daqui infeliz!
 João Grilo disse bravo
 ao vigário da matriz:
 é assim que ele me paga
 o benefício que fiz?

João Grilo foi embora
 o padre ficou zangado
 João Grilo disse: ora sebo
 eu não aliso croado
 vou vingar-me duma raiva
 que eu tive ano passado.

No subúrbio da cidade
 morava um português
 vivia de vender ovos
 justamente nesse mês
 denunciou de João Grilo
 pelas artes que ele fez.

João encontrou o português
 com a égua carregada
 com duas caixas de ovos
 João disse-lhe: oh camarada
 quero dizer à tua égua
 Uma pequena charada.

o português disse: diga;
 João chegou bem no ouvido
 com a ponta do cigarro
 soltou-a dentro escondido
 a égua meteu os pés
 foi temeroso estampido.

derrubou o português
 foi ovos pra todo lado
 arrebentou a cangalha
 ficou o chão ensopado
 o português levantou-se
 tristonho e todo melado.

O português perguntou:
 o que foi que tu diseste
 que causou tanto desgosto
 a este anima agreste?
 - Eu disse que a mãe morreu;
 o português respondeu:
 Oh égua besta da peste!

João Grilo foi à escola
 com sete anos de idade
 com dez anos ele saiu
 por espontânea vontade
 todos perdiam pra ele
 outro Grilo como aquele
 perdeu-se a propriedade.

João Grilo em qualquer escola
 chamava o povo atenção
 passava quinau nos mestres
 nunca faltou com a lição

era um tipo inteligente
no futuro e no presente
João dava interpretação.

um dia perguntou ao mestre:
o que é que Deus não vê
o homem vê a qualquer hora
disse ele: não pode ser
pois Deus vê tudo no mundo
em menos de um segundo
de tudo pode saber.

João Grilo disse: qual nada
que dê os elementos seus?
abra os olhos, mestre velho
que vou lhe mostrar os meus
seus estudos se consomem
um homem vê outro homem
só Deus não vê outro Deus.

João Grilo disse: seu mestre
me diga como se chama
a mãe de todas as mães
tenha cuidado no drama
o mestre coça a cabeça
disse: antes que me esqueça
vou resolver o programa.

- A mãe de todas as mães
é Maria Concebida;
João Grilo disse: eu protesto
antes dela ser nascida
entre grandes e pequenos
é o que a mulher fala menos

já esta mãe existia
não foi a Virgem Maria
oh! que resposta perdida.

João Grilo disse depois
num bonito português;
a mãe de todas as mães
já disse e digo outra vez
como a escritura ensina
é a natureza divina
que tudo criou e fez.

- Me responde, professor
entre grandes e pequenos
quero que fique notável
por todos nossos terrenos
responda com rapidez
como se chama o mês
que a mulher fala menos?

Este mês eu não conheço
quem fez esta taboada?
João Grilo lhe respondeu:
ora sebo, camarada
pra mim perdeu o valor
tem nome de professor
mas não conhece de nada

- Este mês é fevereiro
por todos bem conhecido
só tem vinte e oito dias
o tempo mais resumido

mestre, você tá perdido.

- Seu professor, me responda
se algum tempo estudou
quem serviu a Jesus Cristo
morreu e não se salvou
no dia em que ele morreu
seu corpo urubu comeu
e ninguém o sepultou?

- Não conheço quem é esse
porque nunca vi escrito;
João Grilo lhe respondeu:
foi o jumento, está dito
que a Jesus Cristo servia
na noite em que ele fugia
de Belém para o Egito.